

REVISTA DE ESPIRITUALIDADE

Ano XV – Nº 59 – Julho / Setembro 2007 – Preço – 5,00 € (IVA incluído)



59

«VIVER DESDE DENTRO»

REVISTA DE ESPIRITUALIDADE

SUMÁRIO

ALPOIM ALVES PORTUGAL <i>Viver do interior</i>	163
JEREMIAS CARLOS VECHINA <i>Ó meu Deus, Trindade que eu adoro</i>	165
DIDIER-MARIE GOLAY <i>Isabel da Trindade e a missão sacerdotal</i>	213
ALPOIM ALVES PORTUGAL <i>Espiritualidade de uma presença</i>	229

NÚMERO 59

Julho – Setembro 2007

REVISTA DE ESPIRITUALIDADE

Publicação trimestral

Propriedade

EDIÇÕES CARMELO

Director

P. Alpoim Alves Portugal

Conselho da Direcção

P. Pedro Lourenço Ferreira
P. Jeremias Carlos Vechina
P. Agostinho dos Reis Leal
P. Manuel Fernandes dos Reis
P. Joaquim da Silva Teixeira
P. Vasco Nuno da Costa

Redacção e Administração

Edições Carmelo
Convento de Avesadas
Apartado 141
4634-909 MARCODECANAVESES
Tel. 255 531 354 – Fax 255 531 359
E-Mail: editorial@carmelo.pt

Assinatura Anual (2007)	• 18,00
Europa	• 26,50
Fora da Europa	• 45,00
Número avulso	• 5,00

Impresso na ARTIPOL - Mourisca do Vouga - 3750 ÁGUEDA

Depósito Legal: 56907/92

VIVER DO INTERIOR

ALPOIM ALVES PORTUGAL

«Deixo-lhe a minha fé na presença de Deus, do Deus todo Amor que habita nas nossas almas. Confio-lhe: é esta intimidade com Ele «no interior» que constitui o belo Sol que ilumina a minha vida, tornando-a já como um Céu antecipado; é o que hoje me sustém no sofrimento. Não tenho medo da minha fraqueza, é ela que me dá confiança, porque Aquele que é o Forte está em mim e a virtude dele é onnipotente; ela opera como diz o Apóstolo, além do que podemos esperar!».¹

Estas são palavras de uma profundidade extraordinária! Foram ditas e escritas, certamente, por alguém que vivia muito seriamente a realidade de Jesus Cristo na sua vida, alguém que sabia perfeitamente que não estava vazia, mas que Alguém a «habitava», se é que se pode falar desta maneira.

Quem escreveu estas palavras foi Isabel Catez, que aos 21 anos de idade entrou para um convento de clausura, o Carmelo de Dijon, e que agora tem 26: está prestes a morrer, e ela até já o pressente; chama-se, no Carmelo, Irmã Isabel da Trindade.

O apelido, agora adoptado, e que lhe foi dado, revela tudo. Revela e contém. Ela murmura-nos este seu segredo, uma autêntica confidência: é, sem dúvida, um segredo de felicidade, de alegria, um segredo de amor, de eternidade.

* Isabel da Trindade, *Escritos Espirituais*, Edições Carmelo (Oeiras 1989), Carta 333, p. 297.

Foi a doutrina de S. Paulo e também a do seu mestre S. João da Cruz, que a formou para esta descoberta. E que a fez viver assim. Não foram apenas os cinco anos e três meses de carmelita. «É Cristo que vive em mim!». Isabel mora em Deus, quer dizer, habita, reside em Deus. E rezando com o evangelista S. João (15, 4) escreve:

«Morai em mim, não por alguns instantes, algumas horas que têm de passar, mas 'morai...' num modo permanente, habitual. Permanecei em mim, orai em mim, adorai em mim, amai em mim, sofri em mim, trabalhai, agi em mim. Permanecei em mim quando vos apresentardes a qualquer pessoa ou fizerdes qualquer coisa, penetrai sempre cada vez mais nesta profundidade».²

Não são palavras para comentar. São demasiado claras, muito evidentes, pois dizem tudo o que é a vida desta jovem que já se encontra, quando escreve estas palavras, a três meses do fim, e com ardentes desejos de ir para o Céu, de ver a Deus.

Isabel, isto é, «casa de Deus», como lhe fora revelado pela priora do Carmelo de Dijon onde viria a entrar mais tarde, dirá mais claramente ainda: «Deus habita também em nós». Por isso, não somente ela é «casa de Deus», por levar esse nome, mas cada um, cada homem e cada mulher é «casa de Deus»:

«'O reino de Deus está dentro de vós'. Pouco antes Deus convidava-nos a 'permanecer n'Ele', a viver pela alma na sua herança de glória e, agora, revela-nos que não temos necessidade de sair de nós para o encontrar: «O reino de Deus está no interior!...». São João da Cruz diz que 'é na substância da alma, onde não podem chegar nem o demónio nem o mundo' que Deus se lhe dá; então, 'todos os movimentos se tornam divinos e, sendo embora de Deus, são igualmente dela, porque Nosso Senhor os produz nela e com ela'».³

Este número de *Revista de Espiritualidade*, o último a estudar monograficamente a figura da Beata Isabel da Trindade, ajude a interiorizar em cada um dos leitores, esta verdade essencial da nossa vida real, concreta, de cristãos: não estamos vazios; o Senhor Deus habita-nos!

² *Escritos*, O Céu na terra, nº 3, p. 21.

³ *Ibidem*, nº 5, p. 23.

Ó MEU DEUS, TRINDADE QUE EU ADORO!

JEREMIAS CARLOS VECHINA

A Irmã Isabel não escreveu nenhum tratado sobre a oração, mas compôs uma oração que é todo um tratado. Esta prece: “*Ó meu Deus, Trindade a Quem adoro...*” é o mais rico testemunho do modo como Isabel concebe a vida de oração da Carmelita: uma comunhão permanente com a Trindade.

Como ela escreveu:

“Orar, não é de modo algum impormo-nos umas quantas orações recitadas cada dia; é antes uma elevação da alma para Deus através de todas as coisas, elevação que nos estabiliza numa espécie de contínua comunhão com a Trindade, muito simplesmente fazendo tudo sob o Seu olhar” (C 252).

Isabel não a compôs a pedido de alguém. Brotou do fundo do seu coração, como homenagem de adoração à Santíssima Trindade que faz dela a sua morada e em quem ela quer morar.

Esta oração não é fruto de uma inspiração especial vinda do céu. É consequência daquilo que Isabel viveu no mundo como jovem com veementes desejos de ser carmelita e depois no Carmelo de Dijon. Mais concretamente, é fruto daquilo que ela descobriu nos meses de Setembro, Outubro e Novembro de 1904.

Do 25 de Setembro a 6 de Novembro deste, Isabel faz a sós os *Exercícios espirituais*. São momentos de felicidade. Alguns meses depois, escreve:

“Parece-me que já podemos começar o céu na terra, uma vez que O possuímos, e em tudo quanto fazamos podemos permanecer no seu amor. Ele fez-me compreender isto durante os exercícios espirituais feitos a sós que tive a dita de fazer no mês de Outubro” (C 219).

De 12 a 21 de Novembro a comunidade faz os seus *Exercícios espirituais*, dirigidos pelo dominicano P. Fages. O texto conserva-se e o tema foi o seguinte:

“Essa figura bela, amável e adorável como nenhuma outra que se chama Nosso Senhor Jesus Cristo”.

Depois da Eucaristia de encerramento dos *Exercícios*, a comunidade dirigiu-se para o oratório e, diante do Santíssimo Sacramento exposto, as irmãs renovaram os seus votos. O Santíssimo permaneceu exposto até às 17 horas da tarde e Isabel passou longas horas de oração diante do Santíssimo. Entre as 20 e 21 horas, Isabel redigiu a sua oração naquele dia mariano

Ela escreveu esta oração com o coração e a partir da fé. Parece tê-lo feito, sem rascunho, de uma só vez, quase sem correcções, embora com faltas de ortografia, numa folha arrancada dum caderno que ainda hoje se conserva. Esta oração só veio a ser conhecida depois da sua morte.

Nesta oração, Isabel dirige-se à Santíssima Trindade e parte de uma grande afirmação – “*Ó meu Deus, Trindade que eu adoro*” – e pede a Deus que a introduza cada vez mais na profundidade deste mistério.

Esta oração da Irmã Isabel é a sua vida feita oração. Aliás nós temos que rezar, orar a vida se não queremos que a oração passe ao lado da vida. E quando essa vida se sintetiza e passa para o papel em modo de oração, essa oração acaba por converter-se num verdadeiro tratado de vida espiritual.

Em Israel cada mestre tinha a sua oração. Certo dia os discípulos de Jesus abeiraram-se d'Ele e pediram-lhe que os ensinasse a rezar como João Baptista ensinou os seus discípulos. Então Jesus deu-lhes a oração do Pai nosso. Estas orações eram como uma síntese da espiritualidade que os animava e da doutrina que eles ensinavam. O mesmo podemos dizer desta oração da Irmã Isabel: é uma síntese da sua espiritualidade. Por isso mesmo, à hora de a comentar, fá-lo-emos a partir da sua espiritualidade.

Em primeiro lugar, apresentaremos o contexto espiritual em que a oração foi feita e, num segundo tempo, apresentaremos aqueles pontos que me parecem essenciais.

Antes de mais nada, convém ter bem presente o característico da sua vida de fé. Refiro-me à sua experiência trinitária e às relações existentes entre o tempo e a eternidade.

Revelação de Deus

No dia 26 de Março, a Sra. Maria Rolland deu assentimento à vocação religiosa da sua filha. Isabel poderia entrar no Carmelo a partir dos 21 anos de idade. Ela recomeça as visitas ao Carmelo, interrompidas, por ordem da mãe, durante 8 anos. Estas visitas foram o amparo da pobre Isabel durante os dois anos que ainda faltavam para entrar no convento.

Encontrou aqui, como prioresa, a Madre Maria de Jesus, aquela que no dia da sua primeira comunhão lhe entregara no locutório uma pequena estampa com um pensamento em que explicava o sentido do nome Isabel:

“É ‘Casa de Deus’,
 – Isabel!... –
 ... assim, cá na terra,
 tu és destinada
 a ser habitada
 pelo teu Senhor!...
 – Morada de Deus?!...
 – Sim, filhinha!...
 ... do Deus de amor!”.

A Madre Maria era uma alma profundamente trinitária. A sua devoção à Santíssima Trindade brotara de uma graça recebida, aos 14 anos, num dia de procissão das Ladainhas. Enquanto ela se unia às primeiras invocações do Pai, do Filho, e do Espírito Santo, foi-lhe revelada interiormente essa misteriosa presença das três divinas Pessoas na sua alma. “Desde então, dizia ela mais tarde, procurei sempre recolher-me nesse fundo da alma em que Elas moram”.

De que poderia falar esta Madre com Isabel nas visitas que ela fazia ao Carmelo? A Madre Maria ia despertando nela o espírito de Carmelita e Isabel, por sua vez, ia-lhe dando conta da sua vida espiritual e concretamente da sua oração. Isabel, antes de tomar qualquer resolução falava sempre com a Madre, pois tinha a impressão que os seus conselhos vinham directamente de Deus.

Foi a Madre Maria de Jesus que lhe deu o nome de Isabel da Trindade, nome de graça, que se tornou para ela um programa de vida.

O ano de 1899 é um marco na vida de Isabel. Folheando o seu *Diário*, encontramos, no dia 20 de Fevereiro, o seguinte:

“Leio neste momento o *Caminho de Perfeição* de Santa Teresa, que me interessa enormemente e me faz muito bem [...] A oração! Como eu gosto da forma em que Santa Teresa trata este assunto! Quando fala da contemplação, – desse grau de oração em que Deus é que tudo faz e nós nada fazemos, em que Ele um tão intimamente a Si a alma que já não somos nós que vivemos,

mas Deus que está em nós... Sim ali reconheci os momentos sublimes de êxtases em que o Mestre se dignou de me erguer tantas vezes durante este retiro e mesmo depois dele!... Como poderei eu retribuir-Lhe tanto bem que me tem feito?" (D 13s).

Deus transportava Isabel para estados superiores de oração. Isto transparecia nos momentos de oração que tinham lugar na sua Igreja paroquial.

Já de há um tempo a esta parte, Isabel vinha experimentando, no fundo de si mesma, fenómenos que ela não conseguia definir: sentia-se habitada. Dizia ela de si para consigo:

“Quando vir o meu confessor, hei-de falar-lhe disto”.

Um dia, numa das visitas que fez ao Carmelo, encontra-se com o P. Vallée, religioso dominicano, e tudo ficou esclarecido. Isabel, cheia de timidez, abeira-se do Padre e manifesta-lhe o que desde algum tempo experimentava e a impressão que tinha de ser habitada, ao que o Padre responde:

“mas com certeza, minha filha, com certeza, o Pai está lá, está lá o Filho, está lá o Espírito Santo!”.

E explica-lhe, como pelo baptismo, nós somos templos do Espírito Santo e como toda a Trindade se torna presente com o seu poder criador e santificador, estabelecendo em nós a sua própria morada.

Esta explicação do Padre Vallée sossegou-a totalmente e encantou-a. Uma vez que era a graça que a atraía para o interior, ela podia entregar-se com segurança e habitar no mais profundo centro de sua alma.

Enquanto a conversa decorria, Isabel sente-se tomada por um profundo recolhimento. Não foi preciso muito tempo para que o Padre

se desse conta que Isabel já não estava presente, já não ouvia o que ele dizia...

Mais tarde, ao narrar o facto à sua superiora, ela é capaz de dizer.

“Estava morta por que ele se calasse”.

Por sua vez o P. Vallée, ao falar deste encontro dizia:

“Vi-a partir como uma vaga do alto mar”.

A partir desse dia tudo se tornou claro para ela. Isabel encontrou o caminho. Daqui por diante, a Trindade vai ser a sua vida, a sua morada, a sua “casa paterna” da qual nunca mais vai sair.

Antes de entrar para a clausura, já está toda ela “agarrada” pelo mistério da inabitação divina num grau bem elevado. Este mistério era o tema das suas confidências íntimas. Como dizia uma sua amiga:

“A Trindade era o seu Tudo”.

No dizer de uma testemunha, sentiam-na “agarrada” pela Trindade; é esta a palavra que usa. E Isabel deixa-se levar sob a acção do Espírito Santo, o que acontece desde as primeiras graças místicas do retiro de 1899.

Mais tarde escreverá:

“Sumamo-nos nessa Trindade Santíssima, nesse Deus que é todo amor! Deixemo-nos levar por Ele para essas regiões onde nada mais há do que Ele, só Ele!”¹

¹ C a M.G., 1902.

Aos oito dias de entrar no Carmelo apresentaram-lhe um questionário que ela tinha que preencher. E à pergunta: – Qual é a sua divisa? – Ela responde: Deus em mim e eu n’Ele.

Esta é a fórmula da sua vida:

“Deus em mim, eu n’Ele” – Seja esta a nossa divisa! Que boa que é, esta presença de Deus no íntimo de nós, nesse Santuário íntimo das nossas almas! Ali achamo-l’O sempre, mesmo que pelo sentimento, não tenhamos a sensação da Sua presença! Ah! mas Ele está lá, apesar disso! É lá que eu gosto de O procurar! Tratemos de não O deixar nunca sozinho, solitário! Que as nossas vidas sejam uma contínua oração! Quem é que poderá tirar-no-l’O? Quem poderá mesmo distrair-nos a nós d’Aquele que nos ‘agarrou’ totalmente, que nos fez toda Sua?”²

A eternidade no tempo

O homem vê, normalmente, o tempo como uma sucessão de acontecimentos que o leva a falar de passado, presente e futuro. Por isso quando fala de eternidade imagina-a como imobilidade atemporal onde se encontra Deus e todos aqueles que já saíram definitivamente do tempo.

É verdade que o cristão sabe que a sua vida de fé transcorre entre o “já” e o “ainda não”, ou seja, possui já a substância do dom de Deus, mas não ainda em plenitude, contudo acaba por ver o “já”, o “já feito” como passado e o “ainda não” como futuro. O presente tem que beneficiar dos dois. Desta maneira, o homem sossega por um lado e mobiliza-se por outro. Esta não é a visão de Isabel entre tempo e eternidade.

² C a M.G., 1901.

À medida que o homem vai amadurecendo na fé, vai experimentando a realidade em que acredita, sente as relações entre o temporal e o eterno de outro modo. Uma vez que para Isabel a fé é, antes de mais nada, atracção do amor “demasiado grande”, impregnação de caridade e presença, também a relação entre tempo e eternidade começa a ser percebida como impregnação de caridade.

Deus amou-nos “antes da criação do mundo”, recorda Isabel. Para ela o amor de Deus é demasiado grande. Isto quer dizer que a nossa existência, incluindo a “vida eterna”, é como um “presente” que tem atrás de si um eterno “passado” de amor.

Para Isabel, a eternidade é, antes de mais nada, esse “antes” anunciado, “antes da criação do mundo”, plenamente realizado pela encarnação do Verbo, em que nós somos feitos participantes da vida divina e inundados do seu esplendor e da sua glória.

No tempo, portanto, passado, presente e futuro são abraçados pelo eterno ‘antes’ (eterno ‘passado’), ou se queremos o eterno ‘presente’, ou até mesmo o eterno ‘futuro’ que está chamado a realizar-se de um Deus que é um amor demasiado grande.³

Tendo presente os ensinamentos da Irmã Isabel, aquilo que chamamos “vida eterna”, ou seja, céu, paraíso, Jerusalém celeste, visão beatífica, não se pode entender como um mais além, depois da morte. Se tudo isso é a realização do “desejo” de Jesus e da vontade do Pai, em Deus, é um eterno presente. Portanto, o tempo, o presente, o momento, é uma antecipação do definitivo, “é a eternidade começada e sempre em progresso”.

Ó meu Deus, Trindade que eu adoro...

O Deus a quem Isabel dirige a sua oração não é o Deus dos filósofos e dos sábios, o Deus dos muçulmanos ou dos judeus, mas o

³ Cf. ANTÓNIO SICARI, Isabel de la Trinidad. Una existencia teológica, EDE, Madrid, 2006, 183.

Deus de Jesus Cristo; o Deus que se manifestou na sua vida, comunidade de Pessoas, que fez de Isabel a sua morada e que a convida a viver na sua intimidade e a compartilhar a mesma vida. Ela tem a experiência que nesta comunidade de Pessoas, tudo é abertura, relação, entrega, amor correspondido.

Ao aproximar-se deste mistério trinitário, a atitude espontânea que toma é a de adoração. A oração pode revestir muitas formas: acção de graças, louvor, súplica... A vida de oração de Isabel toma a forma de adoração. Como para ela a eternidade é a referência, e a sua vida é um céu antecipado, observa a atitude dos bem-aventurados nos últimos capítulos do Apocalipse: “Prostram-se e adoram, lançando palmas diante do trono do Cordeiro” (Ap 4, 10).

E que entende Isabel por adoração?

“A adoração, ah!, como é uma palavra do Céu! Parece-me que é possível defini-la – êxtase do amor. É o amor esmagado pela beleza, força, ou grandeza imensa do Objecto amado” (UR 21).

Para Isabel a adoração é um “êxtase de amor”. Nela estas duas palavras aparecem sempre unidas. Como para ela a adoração é a “ocupação incessante dos bem-aventurados no Céu da glória” (UR 20), ela interroga-se:

“Como imitar, no céu da minha alma, esta ocupação incessante dos bem-aventurados no Céu da glória? Como continuar este louvor e esta adoração ininterruptas?”

E ela própria responde:

“Estar enraizado e fundado no amor: tal é, parece-me, a condição para cumprir dignamente o seu ofício de *laudem gloriae*. A alma que penetra e mora nestas ‘profundezas de

Deus' cantadas pelo rei-profeta, que, por conseguinte, tudo faz 'n'Ele, com Ele, por Ele, e para Ele', com essa limpidez do olhar que lhe dá uma certa semelhança com o Ser simples – esta alma, em cada um dos seus movimentos, das suas aspirações, como em cada um dos seus actos, por mais vulgares que sejam, 'enraíza-se' mais profundamente n'Aquele que ama. Tudo nela presta homenagem ao Deus três vezes santo: ela é, por assim dizer, um *Sanctus* perpétuo, um incessante louvor de glória!..." (UR 20).

Isabel faz-nos um pedido, principalmente aos cristãos pedinchões:

“Sejamos essas grandes adoradoras. Adoremol'O em 'espírito', quer dizer, tenhamos o coração e o pensamento fixos n'Ele, o espírito cheio do seu conhecimento pela luz da fé. Adoremol'O em 'verdade', isto é, pelas nossas obras, pois é, sobretudo em actos, que somos verdadeiras; é fazer sempre o que agrada ao Pai, de quem somos filhas. Enfim 'adoremos em espírito e em verdade', quer dizer, *por* Jesus Cristo e com Jesus Cristo, pois só Ele é o verdadeiro Adorador em espírito e em verdade" (CF 33).

Ajudai-me a esquecer-me inteiramente...

Isabel tem consciência que a sua vida ainda não corresponde aos seus desejos. Tem consciência da sua fragilidade, mas está plenamente convencida que a perfeição é obra de Deus, é Ele que nos santifica, mas não o faz sem a nossa colaboração. Ela não pretende outra coisa que viver n'Ele, "na profundidade do seu mistério" imóvel, serena, em paz, como se já estivesse na eternidade. Estes são os seus desejos, mas vê nela um grande inconveniente: o seu eu. Este é o primeiro e mais difícil escolho a ultrapassar. Ela conhece o seu natural, o seu temperamento, a sua sensibilidade e ainda não se sente totalmente segura, por isso pede a intervenção de Deus: "Ajuda-me".

Mas a tarefa também é sua. Sabe que para viver no amor tem que renunciar a si mesma, tem que dar morte ao eu para viver no outro.

Para isso, escreve ela:

“morro cada dia, diminuo, renuncio-me cada dia mais, a mim mesma, a fim de que em mim Cristo cresça e seja exaltado” (CF 12).

Ela vê o seu nada, a sua miséria, a sua impotência, percebe a sua incapacidade de progresso, de perseverança, observa as muitas negligências e defeitos, vê-se na indigência, mas coloca-se diante da misericórdia do seu Mestre.

“Ponho a alegria da minha alma, (isto quanto à vontade e não quanto à sensibilidade) em tudo o que me pode imolar, destruir, rebaixar, porque quero dar lugar ao meu Mestre” (CF 12).

“Despojar-se, morrer para si mesmo, deixar de se ver a si próprio, parece-me que assim cuidava o Mestre quando dizia: ‘Se alguém quer vir após mim, que tome a sua cruz e renuncie a si próprio’” (UR 24).⁴

Escreve à sua amiga Margarida Gollot:

“Façamos um autêntico vazio, desprendamo-nos de tudo, que não exista senão Ele, só Ele... Que não vivamos já nós, mas que seja Ele a viver em nós” (C 49).

Isabel repetirá isto durante toda a sua vida:

“Creio que o segredo da paz e da felicidade é o de se esquecer, de se desocupar de si próprio. O que não consiste em

⁴ Cf. Mt 16,24.

não se sentir já as misérias físicas ou morais... É isso o que Ele quer fazer consigo: a todo o instante quer que saia de si, que deixe todas as preocupações, de modo que se retire naquela solidão que Ele escolheu no fundo do seu coração ... Talvez lhe pareça difícil esquecer-se. Não se preocupe; se soubesse como isso é tão simples... vou dar-lhe o meu ‘segredo’: pense neste Deus que a habita e de que é o templo... Pouco a pouco a alma habitua-se a viver na sua doce companhia... Então, é como que uma atmosfera divina na qual respira, diria mesmo que só o corpo é que fica na terra, mas a alma habita acima das nuvens e dos véus, n’Aquele que é o Imutável” (C 249).

Isabel insiste:

“Penso que os santos são almas que se esquecem constantemente de si mesmas e que se perdem de tal forma no seu Amado, sem se dobrarem sobre si mesmas e sem olhar às criaturas, que podem dizer com S. Paulo: ‘Já não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim’” (C 179).

Dez dias antes de morrer, Isabel ainda aconselha o esquecimento próprio:

“Tudo passa – murmura com voz apagada à comunidade reunida à volta do seu leito de morte – só o amor permanece... há que fazer tudo por amor; há que esquecer-se de si sem cessar... Deus ama tanto que nos esqueçamos de nós mesmos...” (S 252).

“Eis o caminho traçado; trata-se apenas de se despojar para o percorrer como Deus o entende! Despojar-se, morrer para si mesmo, deixar de se ver a si próprio... Eis a morte que Deus pede e da qual se diz...: ‘Ó alma, minha filha adoptiva, olha-me e perder-te-ás de vista; derrama-te inteiramente no meu Ser, vem morrer em mim, para que eu viva em ti!’” (UR 24).

“Olha-me e perder-te-ás de vista”.

Isabel sabe que só por um amor maior é que deixamos outros amores. Portanto não chegaremos ao esquecimento próprio olhando para nós mesmos, mas mantendo os “olhos postos no Mestre” (UR 25).

Este esquecimento de nós mesmos só pode ser feito na fé, até ao limite extremo:

“Que importa à alma... sentir ou não sentir, estar na noite ou na luz, gozar ou não gozar... Experimenta uma espécie de vergonha em estabelecer uma diferença entre estas coisas; e quando ainda se sente por elas atingida, despreza-se profundamente pelo seu pouco amor; e então dirige-se depressa ao seu Mestre para, por Ele, se fazer libertar... porque resolveu tudo ultrapassar para se unir Àquele a quem ama” (UR 11).

E Isabel faz-nos esta confiança:

“O meu Mestre ... parece-me que me pede para viver como o Pai num eterno presente, sem antes nem depois, mas inteiramente na unidade do meu ser neste agora eterno (UR 25).

Isto parece impossível de realizar, mas Isabel conseguiu-o com a graça de Deus, por isso a pede:

“Para que nada me faça sair deste belo silêncio interior: manter sempre a mesma condição, o mesmo isolamento, a mesma separação, o mesmo despojamento! Se os meus desejos, temores, alegrias ou dores, se todos os movimentos provenientes dessas ‘quatro paixões’, não estiverem perfeitamente ordenados para Deus, não serei solitária, e em mim haverá ruído; é necessário, pois, o apaziguamento, o ‘sono das potências’, a unidade do ser” (UR 26).

Para me estabelecer em Vós...

Para Isabel as palavras: permanecer, habitar, estabelecer, são sinónimas, mas estabelecer evoca a ideia de estabilidade, enraizamento e duração. Isabel está muito marcada por esta presença em Deus: “N’Ele nos movemos, existimos e somos”. Mas não se trata tanto duma presença extática, quanto dinâmica. Assim está tão presente quanto existe de relação. A mais relação mais presença.

Ela escreve à sua irmã e manifesta-lhe um desejo:

“Que o Deus todo Amor seja a tua morada imutável, a tua cela e a tua clausura no meio do mundo” (C 261).

E a todos recorda:

“A Trindade, eis a nossa morada, o nosso «lar», a casa paterna donde nunca devemos sair” (CF 2).

Isabel quer

“perder-se n’Ele como uma gota de água se perde no oceano” (C 190).

Ela já tinha escrito:

“Gostaria, ó Senhor, de derramar-me em teu seio como uma gota de água em imenso mar.
Destrói em mim tudo o que não é divino para minha alma, livre, no teu Ser se lançar.

Devo penetrar ‘nesse lugar espaçoso’
 esse abismo insondável e profundo mistério,
 para como nos Céus te amar, ó Esposo,
 sem que nada exterior me faça afastar.

Desejo morar na tua Mansão de amor
 na irradiação da luz da tua Face
 e viver só de ti como num tempo de divino sabor
 naquela doce paz que nada ultrapassa...

Na calma profunda do teu eterno Ser,
 digna-te sepultar-me para que, nesta vida,
 possa em tudo como no Céu permanecer
 “no teu amor” para comigo e na paz sem medida” (P 109).

Isabel não pretende estabelecer-se em Deus para n’Ele descansar egoisticamente. Como o eu não acaba de morrer, ela não acaba de estabelecer-se em Deus. Para isso é preciso deixar-se levar pelo Espírito até às profundezas do Ser divino, dum modo simples e amoroso.

Assim o manifesta Isabel nesta página:

“Não se pode ficar, por assim dizer, à superfície, é preciso entrar sempre mais no Ser divino pelo recolhimento. ‘Prossigo a minha caminhada’,⁵ exclamava São Paulo; assim devemos descer todos os dias nesta senda do Abismo que é Deus; deixemo-nos escorregar por essa vertente numa confiança cheia de amor. ‘Um abismo clama por outro abismo.’⁶ É aí, no mais profundo, que se operará o choque divino, que o abismo do nosso nada, da nossa miséria, se encontrará frente a frente com o Abismo da misericórdia, da imensidade do tudo de Deus. É aí, que havemos de encontrar a força para morrermos para nós mesmos e que, ao perder o nosso próprio rasto, seremos transformados em amor” (CF 4).

⁵ Fil 3,12.

⁶ Sal 41,8.

Estabelecer-se na profundidade de Deus é uma exigência da vivência do Céu na terra. Supõe viver já como se viverá eternamente, para sempre perdidos n'Ele, que é Pai, Filho e Espírito Santo.

“Os glorificados têm este repouso do abismo, porque contemplam a Deus na simplicidade da sua essência: ‘Conhecem-no, diz ainda São Paulo, como são por Ele conhecidos’,⁷ isto é, por visão intuitiva, pelo olhar simples; e é por isso, continua o grande santo, ‘que são transformados, de glória em glória, pelo poder do seu Espírito na sua própria Imagem’;⁸ então, constituem um incessante louvor de glória ao Ser divino, que neles contempla o seu próprio esplendor” (UR 7).

Como se já a minha alma estivesse na eternidade.

Isabel sempre nutriu um grande desejo do Céu. Ela sentia verdadeira saudade do céu. Já antes de entrar no Carmelo, em carta dirigida ao cônego Angles, dizia:

“Se visse que saudade sinto às vezes do céu... Desejaria ir lá para cima para junto d'Ele... Seria muito feliz se me levasse mesmo antes de entrar no Carmelo, pois o Carmelo do céu é muito melhor, e no paraíso seria de todos os modos carmelita” (C 55).

E já no fim da sua vida escreve à sua irmã:

“Quando o véu cair, com que felicidade me hei-de derramar até ao mais secreto da sua Face, e é lá que hei-de passar a minha eternidade, no seio desta Trindade que foi já minha morada aqui

⁷ Cf. 1Cor 13,12.

⁸ Cf. 2Cor 3,18.

em baixo. Imagina, minha Guida, contemplar na sua própria luz os esplendores do Ser divino, perscrutar todas as profundidades do seu mistério, estar fundida com Aquele que se ama, cantar sem repouso a sua glória e o seu amor, ser a Ele semelhante, porque se vê tal qual Ele é”.⁹

Isabel, ao comentar aquelas palavras de Jesus: “Pai, quero que onde eu estiver eles estejam também comigo...”, escreve:

“e não durante a eternidade mas já no tempo que é a eternidade começada e sempre em progresso”.

A partir desta verdade, Isabel quer estabelecer-se em Deus como estará na eternidade. Trata-se de ser e fazer hoje o que será e fará na eternidade. Não pode haver ruptura e descontinuidade entre a vida terrena e a vida celeste. Trata-se de viver hoje como se estivéssemos já na eternidade. Isabel diz-nos claramente o que fazem os eleitos de Deus na eternidade:

“No Céu da glória, os bem-aventurados não têm ‘repouso nem de dia nem de noite, dizendo: Santo, santo, santo, o Senhor Todo-Poderoso... E, prostrando-se, adoram Aquele que vive pelos séculos...’”.¹⁰

Que nada possa perturbar a minha paz...

Isabel fez uma grande descoberta. Deus é tudo para ela e sem Ele a sua vida não tem sentido. Ela não pode pensar noutra coisa e nem se deve deixar invadir por outra realidade que não seja Deus:

⁹ Cf. 1Jo 3,2.

¹⁰ Apoc 4,8.10.

“ ‘Ele é o meu Tudo, o meu único Tudo’. Que felicidade, que paz, isto produz na minha alma. Ele é o único, eu dei-Lhe tudo. Se olho do lado da terra, vejo a solidão e mesmo o vazio, porque não posso dizer que o meu coração não tenha sofrido; mas, se o meu olhar fica sempre fixo n’Ele, meu Astro, luminoso, oh, então tudo o resto desaparece e perco-me n’Ele como a gota de água no Oceano. Tudo está calmo e apaziguado, e isto é tão bom, a paz do Santo Deus; é dela que fala São Paulo quando diz que ‘ultrapassa todo o sentimento’!”¹¹ (C 190).

Isabel é consciente de que há coisas na nossa vida que podem perturbar a nossa paz. E ela facilmente as descobre, pois tem experiência disso: o nosso temperamento, a nossa sensibilidade e a nossa maneira de ser tornam-se muitas vezes difíceis de controlar. Quem a conheceu fala da sua “natureza violenta”. Enquanto criança “encolerizava-se de veras”, “punha-se furiosa”, “tinha um olhar de fogo”. Por isso mesmo ela pede: “Que nada possa perturbar a minha paz”.

Aos 19 anos ela escreve no seu *Diário*:

“ Quando me repreendem injustamente, parece-me que sinto o sangue a ferver nas minhas veias, e todo o meu ser se revela” (D 1).

Isabel sabe como as relações com os outros são muitas vezes obstáculo para a paz interior. Quantas incompreensões nos podem tirar a paz! Isabel, ao entrar no Carmelo, encontra religiosas muito diferentes, cada uma com o seu temperamento, com as suas virtudes e com os seus defeitos. Não é fácil a convivência, não é fácil viver num espaço tão reduzido e toda a vida, com pessoas tão diferentes e que nós não escolhemos.

E além destes obstáculos à paz, estão aqueles que nós encontramos dentro de nós mesmos. Isabel teve experiência disso:

¹¹ Fil 4,7.

“As minhas incapacidades, desgostos, as minhas obscuridades, e mesmo as minhas faltas” (UR 18).

Mas a paz que Isabel pede não supõe a ausência de tudo isto. Ela é realista e sabe que tem que conviver com tudo isto: preocupações, dificuldades, sofrimentos, conflitos. Isto faz parte da vida e apesar de tudo ela pode ter paz. À superfície pode haver turbulência, mas no fundo, no profundo do coração, “no abismo sem fundo”, como ela diz, encontra-se a verdadeira paz. Essa paz que é dom de Deus: “Dou-vos a minha paz”. É esta que Isabel pede.

Nem fazer-me sair de Vós, ó meu Imutável...

“A Trindade, eis a nossa morada, o nosso ‘lar’, a casa paterna donde nunca devemos sair” (CF 2).

Sair da Trindade, é voltar ao próprio eu, voltar a encontrar-me com o meu problema, às minhas coisas, aos meus desejos. Nós devemos, pelo contrário, “sair de nós mesmos” e entrar n’Ele, para nunca mais sair.

“*Caminhar em Jesus Cristo*, parece-me que é sair de si, perder-se de vista, abandonar-se para entrar mais profundamente n’Ele a cada minuto que passa, tão profundamente que nele se fique *enraizada*, e que em todo acontecimento, [e a] todas as coisas, se possa lançar este belo desafio: «Quem me poderá separar do amor de Jesus Cristo?»¹² Quando a alma está fixa n’Ele em tais profundidades, quando as suas *raízes* assim se afundaram, a seiva divina expande-se nela em ondas, e tudo o que é vida imperfeita, banal, natural é destruído” (UR 33).

¹² Rom 8,35.

“Estar enraizados e fundados na caridade, ou seja, em Deus mesmo, supõe uma saída de si, uma separação absoluta de tudo; em suma: um estado de morte que entrega a criatura ao Criador” (NI 16).

Isabel dirige-se a Deus e chama-lhe “Deus imutável”. Ela é consciente da fragilidade humana, muitas vezes, prometemos e não fazemos, hoje tiramos o que demos ontem, somos volúveis nos nossos compromissos. Ela põe-nos diante o “Deus imutável”, o Deus que não muda, fiel ao seu amor eterno. Ela afirma-o frequentemente:

“Ele é o imutável, o que sempre permanece e em quem sempre nos encontramos” (C 109).

É a “Beleza imutável” (C 121, 212; P 84, 85).

Ele é “o Amor imutável” (C 210).

Isabel escreve à sua irmã e recorda-lhe o que já muitas vezes lhe tinha dito:

“*Ele*, Ele é o Imutável, Aquele que não muda nunca: Ele ama-te hoje, como te amou ontem, como te amará amanhã” (C 298).

Esta é a fé que nos tem que iluminar, principalmente, quando chegarem as provas físicas, morais ou espirituais, para nunca sairmos d’Ele.

**Mas que cada minuto me leve mais longe na
profundeza do vosso Mistério.**

Para Isabel não só não devemos sair d’Ele, mas devemos entrar sempre mais n’Ele, ou melhor dizendo, devemos deixar-nos introduzir

em cada momento na profundidade do mistério de Deus. A vida espiritual para ela não admite paragens, uma vez que é o movimento do amor e o amor nunca diz “basta”, já chega.

“A fim de que cada minuto que passe o amor infinito a leve e a consuma n’Ele” (P 90).

O tempo que Deus nos dá é para que se realize o seu desígnio de amor, por isso não se pode desprezar nem uma fracção de segundo. Isabel repete esta ideia:

“Sim, que a vida é coisa séria: cada minuto é-nos dado para nos «enraizarmos»¹³ mais em Deus, segundo a expressão de São Paulo, para que a semelhança com o nosso divino Modelo seja mais marcante, a união mais íntima” (C 333).

“Cada minuto que passa, todos os seus actos, os seus movimentos, as suas aspirações, ao mesmo tempo que a ‘enraizam’ mais profundamente no Ser divino, são também louvores, adorações e homenagens à sua santidade infinita” (NI 16).

“É isso o que Ele quer fazer consigo: a todo o instante quer que saia de si, que deixe todas as preocupações, de modo que se retire naquela solidão que Ele escolheu no fundo do seu coração. *Ele*, está sempre lá, mesmo que não o sintas; Ele espera-a e quer consigo estabelecer um ‘admirável comércio’, como na bela liturgia o cantamos, uma intimidade de Esposo e esposa” (C 249).

Isabel tinha escrito à irmã Maria Odília e dito:

“é preciso unir-se com Deus mediante um exercício sumamente simples e amoroso” (C 335),

¹³ Col 2,7 e Ef 3,17.

e este exercício consiste:

“Que a nossa vida seja uma comunhão contínua e um simplíssimo impulso dirigido ao Bom Deus” (C 165).

Este movimento não vem de nós, como diz S. Paulo: “O Espírito tudo sonda, até às profundidades de Deus” (1Cor 2, 10).

Isabel apresenta Nossa Senhora como modelo acabado de quem vive na profundidade:

“Envolta numa paz indescritível,
misterioso silêncio em redor,
no Ser insondável penetraste,
enquanto levaste em ti o dom de Deus” (P 88).

“Percamo-nos na Trindade santa, no Deus todo Amor. Deixemo-nos levar para essas regiões onde só Ele existe, Ele só!” (C 58).

Deixar-se levar é também querer descer, como descreve Isabel nesta belíssima página:

“Devemos descer todos os dias nesta senda do Abismo que é Deus; deixemo-nos escorregar por essa vertente numa confiança cheia de amor. ‘Um abismo clama por outro abismo’.¹⁴ É aí, no mais profundo, que se operará o choque divino, que o abismo do nosso nada, da nossa miséria, se encontrará frente a frente com o Abismo da misericórdia, da imensidade do tudo de Deus. É aí, que havemos de encontrar a força para morrermos para nós mesmos e que, ao perder o nosso próprio rasto, seremos transformados em amor” (CF 4).

¹⁴ Sal 41,8.

Pacificai a minha alma...

Isabel quer viver “imóvel e serena”, de tal maneira “que nada possa perturbar a minha paz” e agora formula um pedido: “Pacificai a minha alma”. A paz é um dom de Deus. É Deus que actua e transforma. É Ele que dá a paz.

Às suas tias é capaz de dizer:

“Poderá desgarrar-se o coração, mas na alma reina uma paz inefável” (C 171).

E na sua mais completa agonia é capaz de dizer:

“Na minha cruz saboreio alegrias até agora desconhecidas. Compreendo que a dor é a revelação do Amor, e corro ao seu encontro. Ele é a minha querida morada, nele encontro a paz e o descanso” (C 323).

E conclui:

“Esta é a obra que Cristo realiza com toda a alma de boa vontade... Ele que ser a minha paz” (UR 31).

Fazei dela o vosso céu, a vossa morada amada e o lugar do vosso repouso.

Todos temos a tendência a pensar que o céu está feito para nós, que nele encontraremos um dia a Deus e a todos as pessoas queridas

que nos precederam. Isabel apresenta a realidade de outra maneira. Ela não só pede para se estabelecer n'Ele, mas que Deus se estabeleça nela. Que o Pai, o Filho e o Espírito Santo venham a ela pois é aí que se encontrarão bem. Ela será a sua morada, o seu descanso. É precisamente isto que Jesus prometeu: “Se alguém me ama, guardará a minha palavra, meu Pai o amará, e viremos a ele e faremos nele a nossa morada” (Jo 14, 23).

Fazei dela o vosso céu...

“O céu está muito perto... como Ele mora nas nossas almas, já vêes que não temos que ir muito longe para entrar na Cidade da paz, no céu dos santos” (C 192).

“Pouco a pouco a alma habitua-se a viver na sua doce companhia, começa a compreender que traz em si um pequeno Céu em que o Deus de amor fixou a sua morada. Então, é como que uma atmosfera divina na qual respira, diria mesmo que só o corpo é que fica na terra, mas a alma habita acima das nuvens e dos véus, n'Aquele que é o Imutável” (C 249).

“Deixo-lhe a minha fé na presença de Deus, do Deus todo Amor que habita nas nossas almas. Confio-lhe: é esta intimidade com Ele ‘no interior’ que constitui o belo Sol que ilumina a minha vida, tornando-a já como um Céu antecipado” (C 333).

A vossa morada amada

Isabel usa muitas vezes a palavra “morada” e o verbo “morar”. Aos 18 anos escreve no seu *Diário*:

“Que o meu coração possa ser a tua morada amada, para que venhas descansar nela e a conversar ali comigo em ideal união” (D 119).

Nas suas cartas Isabel insiste:

“Pensa que estás n’Ele, que Ele se converte na tua morada aqui na terra” (C 175).

“Sim, que o Deus todo amor seja a tua morada imutável, a tua cela e a tua clausura no meio do mundo. Recorda que Ele mora no centro mais íntimo da tua alma como num santuário, onde quer que o amemos incessantemente até à adoração. Ele está ali para encher-te das suas graças e para transformar-te n’Ele” (C 261).

“Dentro de mim existe uma solidão onde Ele mora, e esta ninguém ma pode arrebatara...!” (C 162).

“Levo-te no centro da minha alma, onde mora o Hóspede divino, e exponho-te aos doces raios do seu amor... E peço-Lhe que se imprima em ti” (C 241).

O lugar do vosso repouso

Temos que ter presente que Deus está em nós, não como num lugar. Temos que superar a presença espacial para entendermos a presença de Deus em nós e de nós n’Ele. Trata-se de uma presença relacional, uma comunhão de pessoas. Isto quer dizer que Ele é para mim Pai, Filho e Espírito Santo, todo voltado para mim numa relação permanente, ou seja, amando-me, mantendo-me na existência, transformando-me e atraindo-me a si.

Claro que Deus não descansa nem pode descansar, uma vez que é amor que se dá, que chama e que sacia. As Três estão nela para ela e nela gozam umas de outras numa acção permanente. O Pai nela gera o Filho, o Pai e o Filho espiram o mesmo amor que é Espírito Santo.

O que é que Isabel da Trindade pretende?

“Permita ao Ser divino que nela sacie a necessidade de comunicar ‘tudo o que Ele é, tudo o que Ele tem’” (CF 43).

Este é o descanso de Deus. Isabel escreve à sra. Angles e manifesta-lhe o seguinte desejo:

“Que a sua alma seja outra Betânia, onde Jesus venha a descansar e onde a senhora Lhe sirva o banquete do Amor” (C 145).

Que nunca aí eu vos deixe só...

É verdade que Deus nunca está só, nem em si mesmo nem em nós. Ele é comunidade de pessoas, que no mais íntimo da sua vida comum é amor correspondido. Ele está presente em nós como comunidade de amor, para nós vivermos também essa mesma vida comunitária, e aqui está o problema: nem sempre somos conscientes desta presença, uma vez que ela nem sempre se faz sentir. Por isso Isabel recorda-nos de todas as maneiras possíveis esta presença:

“Imagine que está n’Ele, que Ele se faz a sua morada já aqui em baixo; e depois que Ele está em si, que O possui no mais íntimo de si mesma, que a toda a hora do dia e da noite, em todas as alegrias ou provações pode encontrá-lo ali, muito próximo, inteiramente no interior. É o segredo da felicidade, é o segredo dos santos” (C 175).

A vida espiritual para Isabel consiste em tomar consciência desta presença que nos habita e solicita a viver dentro com Ele e a fazer tudo por Ele.

“Eu encontrei o meu céu na terra, na minha querida solidão do Carmelo, onde vivo a sós com Deus só. Tudo faço com Ele. Por isso faço tudo com uma alegria de céu: esteja varrendo, trabalhando ou na oração, tudo encontro bom e delicioso, pois em todas as partes vejo o meu Mestre” (C 139).

Para viver no centro de nós mesmos, com a Trindade que nos habita, é preciso querer e voltar sempre aí. É preciso, diz Isabel: “fazer actos de recolhimento na sua presença” (C 295).

Que esteja lá inteiramente, toda acordada em minha fé...

A virtude da fé desempenha um papel fundamental no processo espiritual de Isabel. Não há possibilidade de ser “louvor de glória” sem a fé:

“Um louvor de glória é uma alma que olha Deus na fé e na simplicidade” (CF 43).

Isabel alicerçou a sua vida na fé em um Deus que umas vezes se mostra próximo e sensível e outras, ausente e obscuro. Os matizes que descobrimos na visão que ela tem da fé são muitos e variados. Seguindo a tradição da espiritualidade do Carmelo, a fé é o único meio para chegar à união com Deus. Citando São João da Cruz, dir-nos-á que

“ela nos serve de ‘pés’ para ir ‘a Deus’, e ainda, que ela é ‘a posse em estado obscuro’. É ela ‘somente que nos pode dar verdadeiras luzes’ d’Aquele que amamos, e a nossa alma deve ‘escolhê-la como o meio para chegar à bem-aventurada união’” (CF 19).

Pela fé Isabel descobre a presença do Deus vivo:

“Assim acontece com a alma que entrou na ‘fortaleza do santo recolhimento’: o olho da alma, aberto à claridade da fé, descobre Deus presente, vivendo nela” (UR 5).

A fé não só descobre Deus vivendo nela, como a guia para a união com Ele.

“Eis a fé, a bela luz da fé, que me aparece. É só ela que me deve iluminar para ir ao encontro do Esposo” (UR 10).

Isabel cita o salmista que canta que Deus “se esconde na escuridão” e ao mesmo tempo diz que “a luz o envolve como um manto”, o que ela comenta:

“o que para mim ressalta, desta aparente contradição, é que devo mergulhar na ‘treva sagrada’, fazendo a noite e o vazio em todas as minhas potências: então, encontrarei o meu Mestre, e ‘a luz que o rodeia como uma veste’ me envolverá também a mim, porque Ele quer que a esposa brilhe com a sua luz, *unicamente com a sua luz, ‘tendo a claridade de Deus’* (UR 10).

Este conhecimento obscuro em que se prova a firmeza da fé é um convite a submergir-se na fé pura, essa fé que prescinde de todo o apoio:

“Que importa à alma, que se recolheu sob a luz que nela criou esta palavra, sentir ou não sentir, estar na noite ou na luz, gozar ou não gozar... Experimenta uma espécie de vergonha em estabelecer uma diferença entre estas coisas; e quando ainda se sente por elas atingida, despreza-se profundamente pelo seu pouco amor; e então dirige-se depressa ao seu Mestre para, por Ele, se fazer libertar. Na expressão de um grande místico, ela «exalta-o» ‘até ao mais alto cume da montanha do seu coração, acima das doçuras e das consolações que d’Ele procedem, porque resolveu tudo ultrapassar para se unir Àquele a quem ama’” (UR 11).

A fé não se esgota no conhecimento, mas fomenta uma atitude especial perante a vida e os seus problemas. Para não viver duma forma “forçosamente banal e natural em determinados momentos” o que “não

é digno de uma filha de Deus, duma esposa de Cristo, dum templo do Espírito Santo”,

“é preciso que a alma esteja por inteiro desperta na sua fé, com esse belo olhar assim voltado para o Mestre. Então, ‘caminhará, como cantava o rei-profeta, na rectidão do seu coração, no interior da sua casa’. Então, ‘adorará sempre o seu Deus por causa d’Ele próprio’ e viverá, à sua imagem, nesse eterno presente em que Ele vive” (UR 25).

Uma fé viva mantém a pessoa firme em Deus. Por isso Isabel preocupa-se por entender o que significa permanecer firme na fé:

“nessa fé que nunca permite à alma adormecer, mas que a mantém sempre vigilante sob o olhar do Mestre, totalmente recolhida na sua palavra criadora, nesta fé ‘no tão grande amor’ que permite a Deus, diz-me São Paulo, encher a alma ‘*segundo a sua plenitude*’ (UR 34).

A fé também nos antecipa a plenitude:

“ ‘A fé é a substância das coisas que se devem esperar e a demonstração das que se não vêem’.¹⁵ Quer dizer que ‘a fé nos torna de tal modo certos e presentes os bens futuros que, por ela, tomam realidade na alma e nela subsistem antes que os gozemos’” (CF 19).

Pela fé a pessoa entra cada vez mais no mistério de Deus e une-se com Ele:

“Elas ‘entram n’Ele pela fé viva, e aí, simples, pacíficas’, são ‘elevadas por Ele’ acima das coisas, dos gostos sensíveis, ‘na treva sagrada’ e ‘transformadas na imagem’ divina. Vivem,

¹⁵ Hebr 11,1.

segundo a expressão de São João, em ‘comunhão’ com as Três adoráveis Pessoas, a sua vida é ‘comum’” (CF 14).

Pela fé Deus dá-se à pessoa na vida presente:

“Deste modo, pois, a fé dá-nos Deus já nesta vida, revestido, é certo, do véu com que ela O cobre, mas em todo o caso, o próprio Deus” (CF 19).

Ó meu Cristo amado, crucificado por amor

Isabel, depois de se dirigir a Deus, Trindade adorada, volta-se agora para cada uma das três Pessoas com uma ordem que não era habitual: primeiro Cristo, depois o Espírito Santo e, por último o Pai.

Salta à vista que Isabel está totalmente fascinada pelo mistério da Trindade: “Amo tanto esse mistério da Santíssima Trindade!... É um abismo em que perco” (C 62). Mas ela sabe que é Cristo que nos veio revelar este mistério escondido desde sempre. A sua espiritualidade é trinitária e ao mesmo tempo cristocêntrica. Isabel, desde pequena, está muito marcada pela pessoa de Jesus. Ela, a criança de sempre, aprendeu a dominar-se porque “Jesus estava comigo e escutava a sua voz no fundo do coração, e então sentia-me disposta a suportar tudo por seu amor” (D 1).

Dirige-se a Cristo como “amado, crucificado por amor” e manifesta-Lhe três desejos e três querereres:

“quereria ser uma esposa para o vosso Coração”,
 “quereria cobrir-vos de glória”,
 “quereria amar-vos... até morrer de amor!”

Como Isabel experimenta a sua incapacidade para realizar aquilo que deseja, pede a Cristo a sua intervenção:

“peço-vos para me ‘revestirdes de vós mesmo’”.

Isabel está mais que convencida que a santificação é obra de Deus, mas ela também tem que colaborar e fá-lo com determinação:

“quero passar a minha vida a escutar-vos”,

“quero tornar-me inteiramente dócil ao vosso ensino, a fim de tudo aprender de vós”,

“quero fixar-vos sempre e permanecer sob a vossa grandiosa luz”.

A sua pertença a Cristo é fundamental e Isabel descreve-a usando uma linguagem esponsal:

“Sou a esposa de Jesus, e estamos tão intimamente unidos..., nada nos pode separar” (D 2).

“Estou ciosa do teu amor e amo-te tanto, que há momentos em que parece que vou morrer de amor...” (D 6).

“Como está dentro de mim e vive dentro de mim, pelo menos, falar-lhe-ei no mais fundo do meu coração e oferecer-lhe-ei alguns sacrifícios que Lhe demonstrarão quanto O amo e como desejo sofrer e expiar com Ele” (D 7).

“Amo-O tanto... Sim, amo-O até morrer de amor. Mas, por desgraça, demonstro-o tão mal” (D 12).

O amor de Isabel para com Jesus não é um amor platónico. Ela tenta demonstrar esse amor. O seu coração tem necessidade de oferecer alguma coisa. E dessa necessidade interior nasce a lei do sacrifício e da

missão. Tem um desejo veemente de compartilhar a sorte e a vida de quem ama:

“Daria a minha vida simplesmente por contribuir ao resgate de uma das almas que Jesus tanto amou... Quisera fazê-l’O amar por todo a terra” (D 3).

“Carrego com os pecados do mundo... Sou sua vítima, como também sou sua esposa” (D 7).

“Quero amá-l’O por todos os que não O amam, quero voltar a levar-lhe as almas que Ele tanto amou” (D 8).

“Oxalá que Lhe atraia almas para Lhe demonstrar o meu amor, pois amo-O tanto...” (D 12).

Este desejo de partilhar as dores e sofrimentos de Cristo, tanto para lhe demonstrar o seu amor como para colaborar na salvação das almas em Isabel da Trindade vai sempre em crescendo na sua vida.

Toda a pessoa de Isabel está centrada em Cristo:

“Dei-Te o meu coração, um coração que só pensa em Ti e que só vive para Ti, um coração que Te ama até morrer de amor... Óh Jesus, Esposo meu e vida minha, dá-me cruzes, quero partilhá-las contigo! Não, não sofras sem mim” (D 32).

“Amo-Te tanto! O meu coração arde em tal amor por Ti que não posso viver tranquila e feliz enquanto Tu, meu Esposo querido, estejas sofrendo. Tudo o que desejo é compartilhar contigo as tuas dores, aliviá-las, levar contigo uma cruz bem pesada e seguir-te no caminho do Calvário. Amo-te, ó vida minha, amo-te até morrer de amor. Feriste o meu coração com os dardos do teu amor e não posso ser mais feliz na terra. Tu só me podes dar a felicidade fazendo-me participar das tuas dores” (D 95).

Para Isabel da Trindade o Cristo que ela ama, escuta e adora e com quem vive em comunhão de vida e destino, é o Verbo, a Palavra, o Esplendor do Pai, aquele em quem habita toda a plenitude da divindade. Mesmo na sua dimensão *kenótica*, de rebaixamento, o

Cristo sofredor a cujos padecimentos ela quer unir-se, é o Cristo, Filho de Deus, Salvador e Redentor.

Ó Fogo consumidor, Espírito de amor, «sobrevinde em mim»...

Isabel da Trindade, depois de ter invocado a Cristo na sua humanidade e divindade, dirige-se com a mesma admiração ao Espírito Santo, qualificando-o de “Fogo consumidor, Espírito de amor”.

Ela tem uma grande devoção ao Espírito Santo. A hora de Tércia da *Liturgia das Horas* tem um sabor especial para ela, porque segundo a tradição, o dom do Pentecostes aconteceu “na terceira hora do dia” (Act 2, 15). Isto leva-a a encomendar sempre nesta hora o seminarista André Chevignard, pedindo para ele o dom do Espírito Santo:

“Todas as manhãs recito *por vós* a Hora de Tércia com a intenção de que o Espírito de amor e de luz ‘sobrevenha’ para em vós operar todas as suas criações. Se o quiserdes, quando estiverdes a recitar o Ofício divino, unir-nos-emos numa mesma oração durante esta Hora pela qual tenho uma particular devoção; havemos então de aspirar o amor, atraí-l’O-emos às nossas almas e sobre toda a Igreja” (C 214).

O mesmo faz com o sacerdote Paulo Jaillet com quem se tinha encontrado no locutório:

“Prometo-lhe ter todos os dias uma intenção especial por si em “Tércia” para que o Espírito de amor – o mesmo que na Trindade sela e consome a ‘Unidade’ – lhe conceda uma super-efusão de Si mesmo. Que Ele o leve, à luz da fé, até esses cumes onde só se vive de paz, de amor, de união iluminada já pelos raios do Sol divino” (C 193).

Três anos antes de entrar no Carmelo, portanto quando tinha 18 anos, numa poesia composta para a festa do Pentecostes, Isabel apresenta-nos uma bela síntese da sua experiência de comunhão com o Espírito Santo:

“Com tuas chamas purificadoras
digna-Te minha alma, Espírito, abrasar;
consome-a com teu divino amor,
Tu, a quem nem um dia deixo de invocar...!

Espírito de Deus, luz refulgente,
Tu, que com teus favores minha alma cumulas,
Tu, que tanto me inundas de doçuras,
queima, empequenece minha pessoa toda!

Tu, que minha vocação me concedeste,
digna-Te conduzir-me àquela união
tão íntima e profunda, àquela vida
que anelo, submergida toda em Deus.

Que em Jesus só se apoie minha esperança
e que, vivendo no meio deste mundo,
eu não aspire nem olhe mais que a Ele,
meu Amor, meu Amigo, divinal refúgio!

Bondade, Beleza suma, Santo Espírito!
Ó tu, a quem adoro e a quem amo!
Consome com tuas chamas este corpo,
meu coração e mesmo minha alma, ó Paráclito:
humilde esposa da Trindade,
que só aspira a fazer sua vontade...! (P 54).

Como já anotámos anteriormente, embora Isabel se estabeleça na Santíssima Trindade, não esquece a relação especial com cada uma das Pessoas divinas. Ela, ao fixar o seu olhar contemplativo no mistério trinitário, contempla o Espírito Santo como “o Espírito de amor, que na Trindade sela e realiza a unidade” (C 193). Deus é amor porque é Pai, Filho e Espírito Santo. O Pai ama o Filho, o Filho ama o Pai e este amor

é tão forte que faz surgir outra Pessoa, o Espírito Santo, que é o amor do Pai e do Filho. Isabel deseja, então,

“afundar-se no Fogo do amor que nelas arde e não é senão o Espírito Santo, esse mesmo Amor que na Trindade é o laço do Pai e do seu Verbo” (CF 14).

Esse mesmo Espírito de amor que une o Pai e o Filho infundido nos nossos corações nos une com cada Pessoa da Trindade, comunica-nos a sua mesma vida, introduzindo-nos na imensidade do mistério.

O fogo é um símbolo muito frequente tanto na Sagrada Escritura como na história da espiritualidade. Isabel recorre a ele para falar do Espírito Santo.

“É um Fogo que consome, isto é, ‘um fogo de amor’ que destrói, que ‘transforma em si próprio tudo o que toca’” (CF 13).

Para Isabel, fundamentada em S. João, existe uma relação muito íntima entre o Espírito e Jesus Cristo. A encarnação do Verbo fez-se por obra do Espírito Santo, começando no dia da Anunciação e terminando no dia da Ascensão de Jesus aos céus. O Espírito Santo desceu sobre a Santíssima Virgem e fez dela a Mãe de Deus. E o Espírito Santo desce sobre o pão e o vinho e transforma o pão e o vinho no Corpo e Sangue de Cristo.

Isabel sabe que a encarnação do Verbo é um acontecimento único, mas pede que faça nela coisa semelhante, “como” uma encarnação do Verbo, que seja transformada em Cristo, para que seja Ele a viver nos seus membros a mesma vida que viveu quando andava sobre a terra. Ela quer ser “outro Cristo”. Para isso, Isabel tem que se empenhar, tem uma ascese a praticar, tem um caminho a percorrer. Embora o processo de transformação em Cristo seja obra do Espírito Santo supõe a nossa colaboração. Então, que faz Isabel para colaborar nessa transformação?:

“ ‘Morro cada dia’, diminuo, renuncio-me cada dia mais a mim mesma, a fim de que em mim Cristo cresça e seja exaltado” (CF 12).

Ela experimenta a sua pobreza, a sua impotência, vê-se “incapaz de progresso, de perseverança” e pede a intervenção do Espírito de amor:

“Ó Fogo consumidor, Espírito de amor, ‘sobrevinde em mim’”, com uma missão muito clara: “a fim de que se faça na minha alma como uma encarnação do Verbo”.

Durante os dez dias de retiro que precederam a redacção desta oração, Isabel ouviu durante muito tempo o P. Fages falar precisamente disto. Ele interrogava as irmãs: “*Quereis que o Verbo viva em vós, quereis que a Encarnação produza o seu fruto em vós? Não há senão dois meios: o Espírito Santo faz nascer e crescer o Filho de Deus no seio da Virgem; pois bem, é Ele que o fará viver e crescer em vós*”.¹⁶

A oração que o P. Fages sugeria é precisamente aquela que Isabel escreveu: “Espírito Santo, vem sobre mim, como estiveste na Virgem Maria”. Isabel, como Maria, espera que se realize nela “como uma Encarnação do Verbo”, para se converter numa humanidade complementar, de modo que Cristo possa renovar todo o seu mistério.

Pela encarnação, o Verbo de Deus, ao assumir a natureza humana, a nossa carne, fez-se com o homem “uma só carne” o que se actualiza no baptismo, na Eucaristia e nos sacramentos e por outros meios que Deus na sua liberdade queira escolher. E aqui entra o simbolismo nupcial. O Esposo divino, uma vez que se revestiu da humanidade da esposa, pode revesti-la, invadi-la e submergi-la em si mesmo. Cristo pode “substituir” a sua vida com a nossa, pode fazer que os movimentos da nossa alma se identifiquem com os seus, ao ponto da nossa vida não ser outra coisa que uma reverberação da sua.

Como escreve Isabel:

“Ele está sedento de nos associar a tudo o que Ele é, de nos transformar n’Ele” (C 179).

¹⁶ ISABEL DE LA TRINIDAD, *Obras Completas*, EDE, Madrid, 1986, NI 15, nota 29.

“Isto é a vida da Carmelita... Ama tanto o Mestre, que quer converter-se numa vida imolada como Ele, e a sua vida é então uma contínua doação de si mesma, um intercâmbio de amor com Quem a possui, a tal ponto que quer transformá-la noutra EU” (C 164).

“Quando estiver totalmente identificada com este Exemplar divino, toda transposta n’Ele, e Ele em mim, então cumprirei a minha vocação eterna, aquela pela qual Deus me ‘elegeu n’Ele’, ‘in principio’,¹⁷ aquela que continuarei ‘in aeternum’”(UR 1).

Isabel viveu profundamente no mistério trinitário e aí tomou consciência da geração do Verbo e da sua vinda ao seio da humanidade. A geração do Verbo é uma acção permanente. O Verbo não foi gerado, o Verbo é gerado. E Isabel participa desta geração, uma vez que, pela acção do Espírito, está transformada em cada uma das Pessoas divinas. O Verbo, do mesmo modo, está numa atitude permanente de quem vem ao seio da humanidade. Ele encarnou no seio de Maria e quer encarnar na vida das pessoas.

Que eu Lhe seja uma humanidade de acréscimo

Tudo o que a Irmã Isabel apresente acerca deste enunciado sobre o sofrimento descobre-o em S. Paulo: ser uma humanidade suplementária (Col 1, 24). Nos últimos anos da sua vida, Isabel descobre todo o conteúdo da sua vocação e missão. Ou seja, ela sabe que Deus conta com a nossa colaboração na redenção de toda a humanidade. Isabel assim o descreve aplicando-o à sua vocação de Carmelita:

¹⁷ Cf. Ef 1,4. O «in principio» («ao começo») está inspirado pela eleição «antes da criação do mundo», (no mesmo versículo Ef 1.4) desejada «para a eternidade».

“Como é sublime, a missão de carmelita; deve ser medianeira com Jesus Cristo, constituir-Lhe uma humanidade de acréscimo¹⁸ na qual Ele possa perpetuar a sua vida de reparações, de sacrifícios, de louvores e de adorações. Oh, pedi-Lhe que eu esteja à altura da minha vocação e que não abuse das graças que Ele me prodiga; se soubésseis como, por vezes, isso me causa medo...” (C 256).

Isabel identifica-se com esta vocação, que considera um verdadeiro privilégio, e assim o comunica a sua mãe:

“Alegro-me, dizia São Paulo, de completar na minha carne, o que falta à paixão de Jesus Cristo pelo seu corpo que é a Igreja’.¹⁹ Oh!, como o teu coração de mãe deveria exultar divinamente ao pensar que o Mestre se dignou escolher a sua filha, o fruto das tuas entranhas, para o associar à grande obra de redenção, que Ele sofre nela como uma extensão da sua paixão. A esposa pertence ao Esposo, o meu tomou-me, quer que eu Lhe seja uma humanidade de acréscimo na qual possa ainda sofrer pela glória do seu Pai, para ajudar às necessidades da sua Igreja” (C 309).

O motivo desta alegria está em que Isabel vê realizado o desejo expresso na *Oração à Santíssima Trindade*, em que pedia que se renovasse nela todo o mistério do Verbo encarnado. Ela considera-se, como Cristo, toda entregue pelo amor do Pai à humanidade. Embora a renovação do mistério de Cristo nela abarque todos os actos da sua existência desde a encarnação até à glorificação, manifesta-se duma maneira mais clara na participação da entrega da vida, no abandono da cruz e da morte. Por isso, Isabel, desde o seu leito, vê-se sumida numa longa eucaristia na qual

¹⁸ Esta expressão “humanidade de acréscimo” não é original de Isabel. Provavelmente encontrou-a na obra de Mons. Ch. L. Gay sobre a vida e virtudes cristãs no estado religioso. Ali podemos ler: “Temos de ser para Nosso Senhor uma espécie de plus de humanidade que, mediante o Espírito Santo, esteja intimamente unida à sua, que viva da sua vida, se alimente da sua seiva e se entregue e aplique à sua obra que é totalmente para glória de Deus”.

¹⁹ Col. 1,24.

“é o Santo Deus quem se compraz em imolar esta hostiazinha, mas esta missa que Ele diz comigo, em que o seu Amor é o padre, pode durar muito tempo ainda. A vitimazinha não acha longo o tempo na Mão d’Aquele que a sacrifica e pode afirmar que, se ela passa pela senda do sofrimento, mais ainda permanece no caminho da felicidade, da *verdadeira* felicidade ... da felicidade que ninguém lhe poderá tirar” (C 309).

Este é o caminho de Cristo e esta é a morada de Isabel. Daqui nasce a sua felicidade. Em carta dirigida à sua irmã, Isabel interroga-a:

“Onde vivia Jesus Cristo, senão na dor? Filhinha, encontrei a minha morada: é essa imensa dor que foi a morada do Mestre. Numa palavra, a minha morada é Ele mesmo, o Varão das dores” (C 311).

Dias depois escrevia a uma senhora baronesa e dizia-lhe o mesmo:

“Onde vivia Jesus Cristo, senão na dor? Por isso, toda a alma sumida no sofrimento está vivendo a seu lado e vive com Jesus Cristo naquela imensa dor que cantava o profeta.²⁰ Essa é a morada dos predestinados, daqueles que ‘o Pai conheceu e quer que reproduzam a imagem de seu divino Filho, o Crucificado’, como diz São Paulo” (C 312).

É assim que Isabel interpreta o grande amor do Pai: permitiu-lhe não só viver com Cristo, em Cristo e de Cristo, mas habilitou-a para participar vivamente na sua entrega.

A dor e o sofrimento são o momento mais alto dum processo vital e a prova suprema de que a sua vida de comunhão com Cristo foi autêntica. Se Isabel pede a Cristo que more nela como Mestre,

²⁰ Cf. Is 53, 3ss; Lm 1, 21.

Adorador e Glorificador, logicamente, está a pedir-lhe que a disponha para que more nela como entrega e redenção:

“Nunca compreendi tão bem como agora que o sofrimento é a maior prova de amor que Deus possa dar à sua criatura. Nem havia suspeitado que se encontrasse escondida tal doçura no fundo do cálice para quem o bebeu até aí”, pois é a oportunidade que nos dá “uma mão do Pai, uma mão de uma ternura infinita” de reproduzir em nós mais plenamente a imagem do Filho entregue em quem Ele se compraz (C 313).

É preciso que “Deus penetre em todas as potências da alma”, “nos faça comungar com o inteiro Mistério, que tudo em vós seja divino e marcado pelo seu selo, enfim que sejais um outro Cristo a trabalhar pela glória do Pai!” (C 124).

Trata-se já do tema que se converterá em predominante para Isabel, da nossa humanidade como “humanidade de acréscimo” à de Cristo.

“Como é sublime, a missão de carmelita; deve ser medianeira com Jesus Cristo, constituir-Lhe uma humanidade de acréscimo na qual Ele possa perpetuar a sua vida de reparações, de sacrifícios, de louvores e de adorações. Oh, pedi-Lhe que eu esteja à altura da minha vocação” (C 256).

Isabel teve uma concepção sacramental da vida. Talvez seja esta a sua maior originalidade:

“A carmelita é um sacramento de Cristo. Através dela deve dar-se o nosso Deus Santíssimo, o Deus crucificado todo amor. Mas para o comunicar assim, há que deixar-se transformar numa mesma imagem com Ele. É necessária a fé que contempla e ora sem cessar. Por fim a vontade fica cativa e não mais se separa. O coração verdadeiro, puro e exultante sob a bênção do Mestre” (NI 14).

Numa poesia do Natal de 1904, escreve sinteticamente:

“Mestre amado, procuras uma hóstia
e queres na tua imensa caridade
perpetuar a tua para sempre
encarnando-te entre a humanidade...

Óh profundo, insondável mistério,
eu me ofereço qual um sacramento:
vem dar em mim glória a teu Pai
na minha pobre oração, em silêncio” (P 91).

“Tem uma imensa fome que nos quer devorar absolutamente. Penetra até à medula dos ossos, e quanto mais Lho permitimos com amor, tanto mais amplamente o saboreamos’. ‘Sabe que somos pobres, mas não faz caso disso e tira-nos tudo. Em nós, Ele próprio faz o seu pão, primeiramente queimando no seu amor, vícios, faltas e pecados. Depois, quando nos vê puros, vem de boca aberta como um abutre para tudo devorar. Quer consumir a nossa vida, para a transformar na sua, a nossa cheia de vícios, a dele cheia de graça e de glória, toda aprontada para nós, se nos renunciarmos (a nós mesmos). Se os nossos olhos fossem suficientemente sãos para ver esta ávida apetência de Cristo, que tem fome da nossa salvação, nenhum esforço nos impediria de voar para a sua boca aberta’. Isto quase tem um ar de ‘absurdo; mas os que amam compreenderão!’” (CF 18).

Deus Trindade é o Amor “do qual não se pode pensar outro maior”. Crer significa estar firme em aceitar a Palavra que anuncia e comunica este Amor, suceda o que suceder.

Mas a Palavra está encarnada, e necessita continuar oferecendo a sua própria carne, a própria humanidade, para que possa continuar revelando-se.

O ser do cristão é, pois, um “suplemento de humanidade”, escolhido por Cristo e a Ele oferecido.²¹

²¹ A forma desta existência é “mariana”: unir-se a Cristo como a esposa que forma com Ele uma só carne, e como mãe que o gera na sua própria carne.

Com esta expressão Isabel quer significar a sua transformação numa nova humanidade, num novo ser. Para isso é necessário que ela desapareça e permaneça somente Jesus.

“Que nada, nada, realmente nada, me possa distrair de ti, nem as minhas ocupações, nem os prazeres, nem o sofrimento. Que me abisme em ti, que tudo faça sob teu olhar. Mestre, toma-me, toma-me inteiramente... toma-me, toma a minha vontade, toma todo o meu ser. Que Isabel desapareça, que não fique senão Jesus!...” (D 156).

Esta transformação não se consegue de uma só vez, mas progressivamente:

“Peça que a semelhança com a Imagem adorada seja cada dia mais perfeita” (C 294).

Sem esquecer que “é, de facto, o Espírito de amor e de força que transforma a alma” (CF 42).

“Um louvor de glória é uma alma que ...deve entregar-se-Lhe plenamente, perdidamente, até já não querer mais nada senão o que Deus quer.

Um louvor de glória é uma alma de silêncio que permanece como uma lira sob o toque misterioso do Espírito Santo a fim de que Ele dela possa extrair harmonias divinas; e sabe que o sofrimento é como uma corda que produz sons ainda mais belos; por isso ela deseja vê-la no seu instrumento, para mais deliciosamente comover o Coração do seu Deus” (CF 43).

E vós, ó Pai...

Isabel, depois de ter invocado a Cristo e o Espírito Santo dirige-se ao Pai. Isto não quer dizer que nela encontremos uma espiritualidade

do Pai, outra do Filho e outra do Espírito Santo, actuando independentemente. A sua espiritualidade é trinitária, embora haja uma relação com cada uma das Pessoas divinas. Pela acção do Espírito a pessoa humana é transformada em cada uma das Pessoas da Santíssima Trindade, possibilitando-lhe, desta maneira, uma relação com o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Embora as três sempre estejam presentes, cada uma delas tem a sua missão e a relação acontece conforme a missão de cada uma.

Quando Isabel nos fala do Pai tem como pano de fundo o magistério paulino, principalmente na carta aos Efésios e na carta aos Romanos, onde se põe de relevo o dom da eleição e da predestinação que Deus Pai nos fez em Cristo Jesus para que cheguemos, pela acção do seu amor, a ser plenamente seus filhos, louvor da sua glória e participantes da sua vida íntima. Ele, na sua misericórdia,

“elegu-nos em Cristo, antes da criação do mundo, para sermos santos e imaculados na sua presença por amor” (Ef 1, 4).

Isabel vê claro que

“na Trindade o Pai é a substância,
tudo procede d’Ele, Ele sempre está actuando.
E, ao contemplar-se na sua divina essência
Ele gera o seu Verbo e produz o Amor” (P 101).

O Pai é o princípio sem princípio de onde tudo dimana, como da sua fonte. Como diz o apóstolo São Paulo, na carta aos Coríntios “Para nós não há mais que um só Deus, o Pai, do qual tudo procede e para o qual somos” (1Cor 8, 6).

Isabel compreendeu isto muito bem, e numa poesia composta para o seu primeiro Natal passado no Carmelo resume:

“Ao ver a suma pobreza
de seus filhos tão amados,
o Pai, em santa loucura,
dá-lhes seu Verbo adorado.

O Cordeiro, o Pequenino,
 é a luz eterna e fiel;
 reina no seio do Pai
 e nos dirá tudo de Ele.

Vem esclarecer o mistério
 e os segredos do Pai;
 da Trindade ao seio
 nos leva entre claridades” (P 75).

Uma vez que tudo tem a origem do Pai, tudo devemos receber como vindo de suas mãos. Isto, Isabel recorda muitas vezes como o faz neste pedaço de carta:

“O Apóstolo São Paulo diz que ‘Ele opera todas as coisas segundo o conselho da sua vontade’,²² por conseguinte, devemos tudo aceitar, como se viesse *directamente* desta mão divina do nosso Pai, que nos ama, e que através de todas as provas persegue o seu fim, unir-nos mais intimamente a Ele (C 224).

Como o Pai é o princípio, a fonte de tudo, também é o seu termo. Tudo vem do Pai e para o Pai caminha. Isabel dirige-se ao Espírito Santo e faz-lhe o seguinte pedido:

“Tu, que minha vocação me concedeste,
 digna-te conduzir-me àquela união
 tão íntima e profunda, àquela vida
 que anelo, submergida toda em Deus” (P 54).

Isabel escreve à sua irmã e recomenda-lhe que está chamada a “viver da vida mesma de Deus”.

E insiste:

²² Ef 1,11.

“Sejamos Ele e vamos ao Pai arrastadas pela sua alma divina” (C 121).

“Que o Espírito Santo vos leve ao Verbo, que o Verbo vos conduza ao Pai, e que sejais consumida no Uno, como era verdade em Cristo e nos nossos Santos” (C 113).

Viver com o Pai, no santuário íntimo da nossa alma, onde Ele mora, é o desejo e a vontade de Jesus:

“ ‘Pai, quero que onde eu estiver, aqueles que vós me destes, aí estejam comigo...’²³ Tal é a última vontade de Cristo, o seu rogo supremo antes de retornar a seu Pai. Quer que onde Ele está, nós aí estejamos também, não apenas durante a eternidade, mas já no tempo que é a eternidade começada, embora sempre em progresso. Importa, pois, saber onde devemos viver com Ele para realizar o seu sonho divino. O lugar onde o Filho de Deus está escondido é o seio do Pai” (CF 1).

E Isabel pede a Jesus:

“que nada me faça sair do seio do Pai, para que eu aí reste imóvel e pacífica como se já a minha alma estivesse na eternidade” (UR 31).

E vós, ó Pai, inclinai-vos sobre esta vossa pobre pequena criatura

Isabel pede ao Pai:

“inclinai-vos sobre esta pobre pequena criatura...”.

²³ Jo 17, 24.

O seu pedido não fica por aqui, pois ela reconhece que:

“O Pai inclina-se sobre nós, com toda a sua caridade, dia e noite, querendo comunicar-nos, infundir-nos a sua vida divina, a fim de nos tornar seres deificados, que em tudo O reflectam” (C 124).

E continua a pedir ao Pai:

“Cobri-a com a vossa sombra”

Uma vez que Isabel usa estas palavras entre aspas, reporta-nos ao mistério da Anunciação do anjo a Maria. Que Ele faça nela o que fez em Nossa Senhora: que o Verbo nasça nela como nasceu em Maria, para que o Pai veja nela “o Bem Amado no qual pusestes todas as complacências”. Isabel volta a usar as aspas. Desta forma recorda-nos ao Baptismo e Transfiguração de Jesus. Ela deseja assemelhar-se a Jesus, pela acção do Espírito, para que o Pai, ao inclinar-se sobre ela e ao contemplar a imagem de seu Filho, a ame com o mesmo amor com que amou o seu Filho.

E por fim, termina com uma declaração trinitária que é o ponto mais alto da oração:

“Ó meus Três, meu Tudo [...] entrego-me a vós como uma presa. Sepultai-vos em mim para que eu me sepulte em vós, esperando ir contemplar na vossa luz o abismo das vossas grandezas”.

Este foi o dinamismo trinitário vivido por Isabel na sua vida, convertido em testemunho e compromisso para nós. Poucos dias antes de morrer entrega-nos o seu testamento, na pessoa da sua amiga Antonieta:

“deixo-lhe a minha fé na presença de Deus, do Deus todo Amor que habita nas nossas almas. Confio-lhe: é esta intimidade com Ele ‘no interior’ que constitui o belo Sol que ilumina a minha vida, tornando-a já como um Céu antecipado; é o que hoje me sustém no sofrimento” (C 333).

E no mesmo contexto de despedida anima-nos com o seu compromisso de irmã:

“Antes de voar para o Céu..., quero enviar-vos uma palavrinha da minha alma, porque estou certa de que sabeis que na Casa do Pai hei-de pedir muito por vós. Encontro-vos no Lar do amor; é lá que decorrerá a minha eternidade e podeis já começá-la aqui... Parece-me que, no Céu, a minha missão será de atrair as almas ajudando-as a saírem de si mesmas para aderirem a Deus por um movimento muito simples e todo feito de amor, e de as guardar nesse grande silêncio do interior que permite a Deus imprimir-se nelas, transformando-as em Si próprio” (C 335).

ORAÇÃO

Ó meu Deus, Trindade que eu adoro!

Ó meu Deus, Trindade que eu adoro, ajudai-me a esquecer-me inteiramente, para me estabelecer em vós, imóvel e pacífica como se já a minha alma estivesse na eternidade. Que nada possa perturbar a minha paz, nem fazer-me sair de vós, ó meu Imutável, mas que cada minuto me leve mais longe na profundidade do vosso Mistério. Pacificai a minha alma, fazei dela o vosso céu, vossa morada amada e o lugar do vosso repouso. Que nunca aí eu vos deixe só, mas que esteja lá inteiramente, toda acordada em minha fé, perfeita adoradora, toda entregue à vossa Acção criadora.

Ó meu Cristo amado, crucificado por amor, queria ser uma esposa para o vosso Coração, queria cobrir-vos de glória, queria amar-vos... até morrer de amor! Mas sinto a minha incapacidade e peço-vos para me «revestirdes de vós mesmo», para identificar a minha alma com todos os movimentos de vossa alma, me submergir, me invadir, e vos substituir a mim, a fim que a minha vida não seja senão uma irradiação da vossa Vida. Vinde a mim como Adorador, como Reparador e como Salvador.

Ó Verbo eterno, Palavra do meu Deus, quero passar a minha vida a escutar-vos, quero tornar-me inteiramente dócil ao vosso ensino, a fim de tudo aprender de vós. Depois, por entre todas as noites, todos os vazios, todas as incapacidades, quero fixar-vos sempre e permanecer sob a vossa grandiosa luz; ó meu Astro amado, fascinaí-me para que já não possa sair da vossa irradiação.

Ó Fogo consumidor, Espírito de amor, «sobrevinde em mim», a fim de que se faça na minha alma como uma encarnação do Verbo: que eu Lhe seja uma humanidade de acréscimo na qual Ele renove todo o seu Mistério.

E vós, ó Pai, inclinai-vos sobre esta vossa pobre pequena criatura, «cobri-a com a vossa sombra», não vejais nela senão «o Bem Amado no qual pusestes todas as vossas complacências».

Ó meus Três, meu Tudo, minha Beatitude, Solidão infinita, Imensidade em que me perco, entrego-me a vós como uma presa. Sepultai-vos em mim para que eu me sepulte em vós, esperando ir contemplar na vossa luz o abismo das vossas grandezas.

(21 de Novembro de 1904)

ISABEL DA TRINDADE E A MISSÃO SACERDOTAL

FR. DIDIER-MARIE GOLAY

Isabel da Trindade* teve de recorrer muitas vezes, durante a sua vida de baptizada, à ajuda dos sacerdotes; com alguns manterá uma correspondência epistolar de uma grande profundidade; a partir daí terá uma nova compreensão da missão sacerdotal. Proponho-vos percorrer o itinerário de Isabel desde a perspectiva do seu relacionamento com os sacerdotes. Veremos como é que ela passa de uma visão do sacerdócio ministerial para uma compreensão ainda mais viva do sentido profundo deste sacerdócio, articulado com o do sacerdócio comum dos fiéis.¹

MISSÃO SACERDOTAL

O Sacerdócio baptismal de Isabel Catez

Isabel viveu a maior parte da sua vida como leiga, no meio do mundo. Recebeu a graça do baptismo poucos dias depois do seu

* Artigo traduzido do original francês, publicado na Revista «Carmel», n° 122, Décembre 2006, pp. 67-80, Éditions du Carmel (Toulouse), com a devida autorização.

¹ Queria prestar uma homenagem ao P. Guitton, sacerdote da diocese de Dijon, assistente da comunidade OCDS de Dijon que, depois de um encontro em 1988 me deu as pistas de reflexão desenvolvidas nesta comunicação.

nascimento e os seus pais transmitiram-lhe a fé da Igreja na qual eles próprios viveram. Isabel fez rapidamente sua esta fé; ela vive-a e comunica-a sempre que se encontra perto dos outros.

É claro que Isabel não usará as mesmas palavras que nós quando fala do sacerdócio ministerial ou do sacerdócio baptismal. Mas ela viveu profundamente estas realidade. Isabel foi formadora de catequistas; ela própria foi catequista.

Fala muitas vezes da dignidade dos baptizados. Quando nasceu a sua primeira sobrinha, no dia 11 de Março de 1904, escreve à sua mãe: «Ficar-te-ei muito agradecida se me disseres quando será baptizada pois eu poderei então acompanhar a minha amada sobrinha às fontes do baptismo, ao mesmo tempo que a Santíssima Trindade repousará sobre a sua alma!».²

E escreve às suas tias: «Alegro-me de poder adorar a Santíssima Trindade nesta pequena alma tornada seu templo pelo baptismo. Que mistério!».³

Isabel é habitada por esta certeza da presença da Trindade no coração de todos os baptizados. «Sim, tornámo-nos suas pelo baptismo, [...] chamadas a receber o selo da Santíssima Trindade; [...] participantes da natureza divina». ⁴

Esta inabituação trinitária deve levar os baptizados a viver na presença de Deus ao longo de todas as ocupações do dia. «Queria poder fazer-me ouvir por todas as almas para lhes dizer a vanidade, o nada do que passa sem ser feito para Deus». ⁵ E escreve à Senhora Bobet: «Oh, como tudo aquilo que não foi feito para Deus e com Deus é vão!». ⁶

² Élisabeth de la Trinité, *Oeuvres Complètes*, Cerf, 1991, L 196, p. 536.

³ *Oeuvres*, L 198, p. 540.

⁴ Isabel da Trindade, *Escritos Espirituais*, Edições Carmelo, Oeiras, 1989, O Céu na Terra, nº 27, p. 41.

⁵ Isabel da Trindade, *Escritos Espirituais*, Carta 340, p. 300.

⁶ *Escritos*, C 333, p. 296.

Pouco antes de entrar no Carmelo, escreve a Margarida Gollot: «Será realmente muito gentil se pensar em mim no domingo à tarde; eu irei ao espectáculo; o meu corpo estará lá, mas só ele, porque o meu coração poderia distrair-se d'Aquele que amo mas, vede bem, eu acho que Ele ficará contente de me ter lá. Pedi para que Ele esteja de tal maneira em mim que O sinta aproximar-se da sua pobre pequena comprometida e que pense n'Ele. Nós somos hóstias vivas, seus pequenos cibórios, ah! que tudo, em nós, O reflecta, que O levemos às almas».⁷

Isabel, que tinha uma grande devoção à Eucaristia, utiliza aqui uma linguagem simbólica muito forte: ela é «hóstia viva», «cibório»; é, de alguma maneira, uma «presença real» de Cristo; ela O irradia e, como um apóstolo, quer «dá-IO às almas». Neste texto sentimos vibrar o seu zelo apostólico.

Encontramos esta mesma energia numa carta a Germana de Gemeaux, escrita em 1902 e na qual a convida a ser carmelita de coração, e precisa: «Reze também à nossa seráfica Madre Santa Teresa, ela que tanto amou, que morreu de amor! Peça-lhe a sua paixão por Deus, pelas almas, porque a carmelita deve ser apostólica».⁸

Quer viver realmente, no Carmelo, este apostolado dos leigos que já vivera antes da sua entrada.

Podemos interpretar como um eco destes desejos de Isabel alguns extractos da Constituição Dogmática da Igreja, *Lumen Gentium* (Luz dos povos), do II Concílio Vaticano:

«Cristo Nosso Senhor, Pontífice escolhido de entre os homens, fez do novo povo um 'reino sacerdotal para seu Deus e Pai'. Na verdade, os baptizados, pela regeneração e pela unção do Espírito Santo, são consagrados para serem casa espiritual, sacerdócio santo, para que, por meio de todas as obras próprias do cristão, ofereçam oblações espirituais e anunciem os louvores daquele que das trevas os chamou à sua admirável luz. Por isso, todos os discípulos de Cristo, perseverando na oração e

⁷ *Oeuvres*, L 54, p. 301.

⁸ *Escritos*, C 136, p. 177.

louvando a Deus, ofereçam-se a si mesmos como hóstias vivas, santas, agradáveis a Deus.

O sacerdócio comum dos fiéis e o sacerdócio ministerial ou hierárquico, embora se diferenciem essencialmente e não apenas em grau, ordenam-se mutuamente um ao outro; pois um e outro participam, a seu modo, do único sacerdócio de Cristo. Com efeito, o sacerdote ministerial, pelo seu poder sagrado, forma e conduz o povo sacerdotal, realiza o sacrifício eucarístico fazendo as vezes de Cristo e oferecendo-o a Deus em nome de todo o povo; os fiéis, por sua parte, concorrem para a oblação da Eucaristia em virtude do seu sacerdócio real, que eles exercem na recepção dos sacramentos, na oração e acção de graças, no testemunho da santidade de vida, na abnegação e na caridade operosa» (LG 10).

Podemos notar a concordância que existe entre as palavras de Isabel que acabámos de ler, especialmente a Carta 54, e os termos que usa o II Concílio Vaticano. O Concílio descreve com palavras o que Isabel vivera no mais profundo do seu ser.

Isabel e o sacerdócio ministerial

Na sua vida de leiga, colaborando com a missão da Igreja, Isabel vive numa relação forte com os sacerdotes. Como qualquer fiel de Cristo, ela dirige-se a eles para receber os sacramentos, particularmente a confissão e a Eucaristia. Mas ela espera deles também uma direcção espiritual e uma doutrina.

O Concílio de Trento tinha insistido na dimensão sacramental do sacerdote, como ministro dos sacramentos, em reacção contra a prioridade dada à pregação pelas comunidades eclesiais aparecidas da Reforma protestante.

Isabel, com um *sensus difei* admirável, integra as três dimensões. Os padres celebram para ela a eucaristia, dão-lhe o perdão do Senhor, e ensinam-na com a sua pregação. Ela tem necessidade deles para

receber os sacramentos, para o ensino dos mistérios cristãos e para dirigirem a sua consciência.

A menina Catez é muito discreta na sua relação com os sacerdotes. Nunca encontramos qualquer alusão a eles na sua correspondência. A única fonte que nos permite falar assim é o seu *Diário* íntimo do qual resta apenas uma parte. Só no seu *Diário* é que Isabel fala da confissão e dos confessores. Quanto aos sermões que ouviu, fala-nos deles em termos elogiosos em quatro cartas do tempo da juventude e no seu *Diário*.

Neste seu escrito fala de alguns sacerdotes que iremos evocar cronologicamente.

Temos, em primeiro lugar, o abade João-Baptista Sellenet. Foi vigário na paróquia de São Miguel de Dijon de 1890 a 1897, e foi confessor de Isabel desde os seus onze anos até aos dezassete. Veio pregar a São Miguel em Fevereiro de 1899 e Isabel anotou no seu *Diário*: «É o meu velho confessor quem deve pregar a adoração perpétua. Ficarei muito feliz de o ver, de lhe poder falar da minha vocação. Ah! quantas vezes desejei a sua direcção firme e severa».⁹

As palavras mostram aqui toda a sua importância. Isabel alegra-se de rever o seu velho confessor para falar com ele sobre a sua vocação, e evoca a sua direcção firme e severa.

Alguns dias mais tarde, escreve: «As instruções do Senhor Sellenet foram verdadeiramente soberbas. Foi com um enorme prazer que o ouvi falar da Eucaristia durante estes três dias que passaram tão depressa. Ficaria feliz se tivesse visto o meu velho director e pudesse conversar com ele. Deus não quis, que a sua vontade seja feita».¹⁰

Isabel ficou certamente muito satisfeita com o tema abordado pelo padre Sellenet; ela tem uma muita grande devoção pela Eucaristia, ao «Bem-Amado da Eucaristia». Tinha um desejo que não se pôde realizar. Com uma reacção verdadeiramente teologal aceita a realidade dos factos.

⁹ *Oeuvres*, J 5, p. 812.

¹⁰ *Oeuvres*, J 10, p. 815.

Falará ainda mais uma vez do abade Sellenet no nº 134 do seu *Diário* para evocar a sua «directção» espiritual que lhe faz tanta falta.

O segundo sacerdote de que nos fala é o padre Alexis Golmard, pároco de São Miguel de 1895 a 1916. Depois da saída do abade Sellenet, aquele que ficou de confessor da senhora Catez foi confessor também de Isabel. Ela escreve no seu *Diário*: «O Senhor abade é excelente, mesmo demasiado bom. Falta-lhe exigência, deixa-me andar demasiado devagar. No outro dia disse à mamã que o ia deixar e pedir o padre Chesnay, o pregador do retiro que terei o prazer de o ter como director, mas a mamã não gostou. Por isso, não falarei mais do assunto».¹¹

Vejamos a delicadeza com que Isabel fala do seu confessor, mas também a liberdade que ela sente para procurar e encontrar aquilo que é necessário para a sua alma. Enfim, podemos assinalar aqui a obediência à sua mãe.

No dia 24 de Fevereiro de 1899 ela confia ao seu *Diário*: «Fui confessar-me esta manhã. Foi uma das vezes em que fiquei mais contente com o meu director. Hoje fiz uma confissão quase ideal; o meu director falou-me muito bem sobre a mortificação interior... Deus tinha-o inspirado muito bem porque é nesse sentido que eu tenho trabalhado tanto depois do meu retiro».¹²

Que alegria a de Isabel ao constatar que a palavra do seu confessor coincide com aquilo que ela própria procura viver. E com um olhar teologal dá graças a Deus que o inspirou.

Por várias vezes seguidas ela evoca de novo o abade Galmard no seu *Diário*, especialmente a propósito da sua vocação sobre a qual se abriu com um redentorista de passagem para pregar uma missão paroquial: «Aconselhe o senhor Abade, uma vez que o Padre lhe vai falar de mim».¹³

¹¹ *Oeuvres*, J 5, p. 813.

¹² *Oeuvres*, J 16, p. 818.

¹³ *Oeuvres*, J 102, p. 860.

«Margarida já falou da minha vocação à mamã que lhe disse que achava que eu não pensava muito nisso, pois o senhor abade nunca lhe falou de tal assunto». ¹⁴

Certamente que não foi fácil para Isabel ter o mesmo confessor que a sua mãe, mas ela aceitou esta realidade na fé. Reza por ele e obedece-lhe:

«Trata de tudo, Senhor, confio-te tudo, inspira o meu confessor. Anima a mamã...». ¹⁵

Confia ao cónego Angles numa carta: «O senhor abade disse-me para não prometer nada a esta querida mamã que me manda esperar, que não é preciso comprometer-se com nada». ¹⁶

Vamos citar ainda a última vez que ela o refere: «Eu sinto-o; não encontro o que me faz falta: o meu confessor é excelente, ele faz tudo o que pode por mim, mas eu sinto-o, tenho necessidade doutra coisa. Enfim, o meu Jesus lá está para me dirigir e me conduzir». ¹⁷

Podemos assinalar aqui a simplicidade de Isabel, a sua aceitação, na obediência, daquilo que lhe é dado para a ajudar na sua caminhada e o seu recurso a Jesus Cristo para que Ele inspire o seu ministro.

Finalmente evocamos aqui o padre Evaristo Lion, um redentorista que pregava uma missão em São Miguel, com dois confrades seus. Isabel escreve: «Estou decidida a fazer uma confissão geral a um dos padres redentoristas de quem gosto muito pela sua piedade e o seu amor às almas». ¹⁸

Descobrimos através destas palavras a fibra apostólica de Isabel que intui nos sacerdotes o seu amor por Cristo e o seu amor pelas almas. Por duas vezes anota que pedirá conselhos ao padre Lion. ¹⁹ Aponta também os encontros sacramentais que teve com ele:

¹⁴ *Oeuvres*, J 105, p. 861.

¹⁵ *Oeuvres*, J 119, p. 868.

¹⁶ *Oeuvres*, L 38, p. 277.

¹⁷ *Oeuvres*, J 145, p. 884.

¹⁸ *Oeuvres*, J 39, p. 831.

¹⁹ Cf., *Oeuvres*, J 68 e 87.

«Encontrei um confessor como nunca tinha visto outro igual: e dou graças ao Bom Deus por isso. O Padre encontrou em mim todas as características duma verdadeira vocação».²⁰

E faz ainda esta confidência no dia 5 de Abril de 1899: «Os Padres já foram embora. Lamento não poder voltar a confessar-me ao Padre Lion que, nestas duas confissões, me deu tão bons conselhos e soube compreender tão bem as necessidades da minha alma. A sua direcção parece-se com a do abade Sellenet, e eu agradeço a Jesus o tê-lo encontrado».²¹

Isabel, através do seu Diário, revela-se cheia de vida. Uma alma que sente o que lhe faz falta, que vê, por intuição, para onde deve ser levada, mas que aceita, ao mesmo tempo, numa profunda obediência, receber aqueles que lhe são dados como directores e acompanhantes. É no diálogo com os sacerdotes que ela discerne e aprofunda a sua vocação para o Carmelo. Esta vocação que ela confessou espontaneamente ao cônego Angles aos seus sete anos e com quem manterá uma preciosa correspondência.

A correspondência com o cônego Angles

O cônego Angles conservou religiosamente as 22 cartas que Isabel lhe dirigiu. Com alguma surpresa constatamos que só depois da sua entrada no Carmelo é que ela faz referência de maneira específica ao sacerdócio ministerial do cônego.

Alguns excertos das suas cartas mostram como, através do ministério do padre, ela queria ser uma alma que se ia ferecer no sacrifício da Eucaristia para ser totalmente agarrada por Cristo.

Antes de receber o hábito, a 8 de Setembro de 1901, escreve: «A vossa alma – não é verdade? – estará toda em comunhão com a daquela

²⁰ *Oeuvres*, J 57, p. 840.

²¹ *Oeuvres*, J 134, p. 877.

feliz enamorada que, finalmente, se vai dar Àquele que, há já muito tempo, a chama e que a quer totalmente sua. Diga-lhe que eu já não vivo mais, mas que Ele vive em mim. Com toda a vossa alma, abençoai a vossa menina feliz e reconhecida».²²

No ano seguinte, a 2 de Agosto de 1902, ela pede: «Mergulhai-me no cálice a fim de que a minha alma seja totalmente banhada nesse Sangue do meu Cristo do qual eu tenho tanta sede! Para ser toda pura, toda transparente, para que a Trindade se possa reflectir em mim como num espelho».²³

A 31 de Dezembro de 1902, pouco antes da sua profissão, escreveu: «Podia, senhor Cónego, oferecer o Santo Sacrifício pela vossa carmelita; e depois entregá-la, para que seja totalmente tomada, totalmente invadida, e possa dizer com S. Paulo: 'Já não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim».²⁴

Um ano mais tarde, a 27 de Agosto de 1903, ela pede de novo: «Queira mergulhar a minha alma no Cálice e dizer ao Esposo para me tornar totalmente pura, totalmente virgem, totalmente uma com Ele».²⁵

E no 4 de Janeiro de 1904 ela precisa ainda: «No Santo Sacrifício, no altar d'Aquele que eu amo, recordai-vos da vossa carmelita: dissei ao Santo Deus que ela deseja ser a sua hóstia para que Ele permaneça sempre nela, e depois para O dar!».²⁶

Os grandes desejos da carmelita parecem ser os da jovem Isabel. Ela quer ser «presença» do Senhor para o dar ao mundo.

Numa última carta ao Cónego, a 9 de Maio de 1906, ela mendiga: «Porque sois seu sacerdote, óh, consagrai-me a Ele como uma pequena hóstia de louvor que quer glorificá-lo, no Céu, ou na terra em sofrimento e tanto quanto Ele quiser. E depois, se eu partir, haveis de me ajudar a sair do purgatório».²⁷

²² *Oeuvres*, L 99, p. 382.

²³ *Oeuvres*, L 131, p. 419.

²⁴ *Oeuvres*, L 151, p. 450.

²⁵ *Oeuvres*, L 177, p. 502.

²⁶ *Escritos*, C 190, p. 208.

²⁷ *Escritos*, C 271, p. 262-263.

Reclama a ajuda do ministro da Eucaristia para participar sempre mais plenamente do Mistério Pascal de Cristo. Pede àquele que foi o confidente da sua infância para a ajudar, pelo sacrifício eucarístico, a tornar-se nesta Hóstia viva, agradável a Deus. Nesta Comunhão dos Santos, tão importante para ela, conta com a sua oração para a última purificação antes do face a face.

«Padre e Carmelita»

Mas é, sem sombra de dúvida, na correspondência com o padre André Chevignard onde aparece mais fortemente a dimensão sacerdotal de Isabel. Pouco depois de ter encontrado pela primeira vez o cunhado da sua irmã, ela escreveu: «Tive uma conversa realmente divina com o abade Chevignard. Eu creio que houve uma *fusão* entre a alma do Padre e a alma da carmelita».²⁸

É a própria Isabel quem sublinha a palavra « *fusão* ». Quando fala e quando escreve a este jovem seminarista que será ordenado sacerdote a 29 de Junho de 1905, Isabel vai aprofundar a sua vocação de carmelita segundo o desejo de Teresa de Jesus e vai unir-se, com todo o seu ser, à acção sacerdotal do seu correspondente.

A 24 de Fevereiro de 1903 escrevia: «Não achais que na acção, enquanto se desempenha o ofício de Marta, a alma pode ainda permanecer inteiramente adoradora, sepultada como Madalena na sua contemplação, mantendo-se nesta fonte como uma sedenta, pois é assim que compreende o apostolado, tanto para a carmelita, como para o padre. Ambos podem então reflectir Deus, dá-lo às almas que sem cessar se mantêm junto a estas divinas fontes. Parece-me que seria preciso chegarmos até tão junto do Mestre, comungar de tal modo com a sua alma, identificarmo-nos com todos os seus movimentos, e depois partir, como Ele, na vontade do seu Pai».²⁹

²⁸ *Oeuvres*, L 135, p. 424.

²⁹ *Escritos*, C 158 p. 191-192.

Podemos ver a relação estreita que ela estabelece entre o padre e a carmelita cujo apostolado lhe parece idêntico. Veremos como ela vai insistir nesta proximidade.

No dia 27 de Abril de 1904 confidencia-lhe: «Gosto muito do que me dizeis de Maria na vossa carta e, peço-vos, dado que viveis tão perto d'Ela, que lhe rezeis um pouco por mim. Encaro também a minha vida de carmelita sob esta dupla vocação: 'virgem-mãe'. Virgem: desposada na fé pelo Cristo; mãe: salvando as almas, multiplicando os adoptados do Pai, os co-herdeiros de Jesus Cristo».³⁰

«Salvar as almas», «multiplicar os adoptados do Pai», são certamente acções sacerdotais; descobrimos que Isabel ultrapassa mesmo a sua própria vocação de esposa de Cristo para lhe dar uma dimensão sacerdotal.

No dia 16 de Novembro de 1904 ela escreveu: «... que o peso desse amor vos impulse até àquela ditosa perda de que falava o Apóstolo quando exclamava: 'Vivo enim jam non ego, vivit vero in me Christus' (*Já não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim*). Eis o sonho da minha alma de carmelita também, segundo creio, o da vossa alma sacerdotal, e é sobretudo o de Cristo... ».³¹

De novo, Isabel identifica o seu desejo de carmelita com o do Padre, explicitado pela palavra do apóstolo S. Paulo: «Já não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim» (Gal 22, 20).

A 25 de Junho de 1905, poucos dias antes da ordenação do padre Chevignard, ela escreveu-lhe desta maneira: «Sexta-feira, no Santo Altar, quando pela primeira vez entre as vossas mãos consagradas, Jesus, o Santo de Deus, se incarnar na humilde hóstia, não vos esqueçais daquela que Ele chamou ao Carmelo para ser louvor de glória; pedi-lhe para que a sepulte na profundidade do seu mistério, e

³⁰ *Escritos*, C 199, p. 214.

³¹ *Escritos*, C 214, p. 221.

de a consumir no fogo do seu amor; depois ofereça-a ao Pai com o Cordeiro divino».³²

Depois, numa pequena carta de 21 de Julho, ela precisa: «Uma vez que é o sacerdote do amor, venho pedir-lhe, com a licença da nossa Reverenda Madre, de *me consagrar* a Ele na Santa Missa de amanhã. Baptizai-me no sangue do Cordeiro a fim de que, limpa de tudo aquilo que não é Ele, eu viva apenas para amar numa paixão sempre crescente até àquela feliz *unidade* para a qual Deus nos destinou no seu querer eterno e imutável».³³

Isabel sublinhou «*me consagrar*» e «*unidade*». Ela conta com a graça particular da primeira missa do padre Chevignard para fazer da sua vida uma oferenda mais profunda, para estar mais intimamente unida a Cristo.

Mas o cume da correspondência com o padre Chevignard acontece a 29 de Novembro de 1905, um ano antes da sua morte: «No silêncio da oração, escutêmo-lo, Ele é o 'Princípio' que fala no interior de nós [...]Peçamos-Lhe para que nos torne verdadeiros no nosso amor, quer dizer que nos faça seres de sacrifício, pois que me parece que o sacrifício não é senão o amor em acção: 'Ele amou-me, entregou-se por mim'. Estimo muito este pensamento de que a vida do sacerdote (e da carmelita) é um Advento que prepara a Encarnação nas almas [...]. E não será também a nossa missão preparar as vias do Senhor pela nossa união com Aquele que o Apóstolo chama um 'fogo' que consome'?».³⁴

Isabel faz, com audácia, um paralelo: ver uma identificação entre a missão do Padre e a da Carmelita devendo os dois preparar os caminhos do Senhor nas almas. Ela colabora activamente na missão dos sacerdotes segundo as instruções de Santa Teresa de Jesus nos capítulos 1 e 3 do *Caminho de Perfeição*.

³² *Oeuvres*, L 232, p. 600.

³³ *Oeuvres*, L 234, p. 603.

³⁴ *Escritos*, C 250, p. 246.

Isabel caminhou com o padre Chevignard quando ele ainda era seminarista e reencontrou-o no locutório do Convento de Dijon. E assim aprofundou a sua própria vocação de carmelita na sua dupla dimensão apostólica e sacerdotal.

Podemos ainda trazer aqui as duas cartas que Isabel dirigiu ao padre José Beaubis, que foi para a China a fim de colaborar com as Missionárias Lazaristas, e que tinha sido seminarista da diocese de Dijon. Ela escreveu-lhe no dia 22 de Junho de 1902: «Quero ser apóstola convosco, do fundo da minha querida solidão do Carmelo, quero trabalhar para a glória de Deus [...] 'Apóstolo, carmelita', é tudo um!».³⁵

Compreende-se muito bem, aqui, o ideal apostólico do Carmelo teresiano. Isabel quer colaborar com todas as suas forças e com toda a sua alma, com a obra apostólica do missionário.

Também a ele pedirá, como praticamente a todos os sacerdotes com quem se correspondia depois da sua entrada para o Carmelo: «Quando, sobre o Altar, imolar o divino Cordeiro, peço-vos uma breve lembrança: coloque a minha alma dentro do cálice para que ela seja baptizada, purificada, virginizada no seu Sangue».³⁶

A carmelita, pela sua oração e pelo dom de si mesma, vai ajudar os sacerdotes no seu apostolado, mas ela também espera que eles a ajudem a realizar a sua vocação. Dá-se aqui uma verdadeira permuta que a leva a identificar, distinguindo-as porém, as suas duas vocações de sacerdote e de carmelita.

Ela escreveu à sua mãe, a 8 de Setembro de 1903: «... esta mamã deve alegrar-se de ter dado, ao bom Deus, uma carmelita, porque, depois do sacerdote, eu não vejo nada mais divino sobre a terra: supõe-se que uma carmelita seja um ser verdadeiramente divinizado!».³⁷

³⁵ *Escritos*, C 124, p. 167-168.

³⁶ *Oeuvres*, L 202, p. 547.

³⁷ *Oeuvres*, L 178, p. 503.

Uma missão sacerdotal

Isabel esconde-se sempre cada vez mais por detrás da sua vocação e quer oferecer-se com «Cristo amado, crucificado por amor». Tudo isto aprofunda-se singularmente ao longo da sua doença.

Durante este período, a Madre Germana, sua priora, recebe o título surpreendente de «sacerdote».

Numa carta de Outubro de 1906 escreveu na direcção: «Minha Madre querida, meu Sacerdote amado».³⁸ Depois, no corpo da carta: «Oh! ajudai-me a subir o meu Calvário, eu sinto o poder do vosso sacerdócio tão forte sobre a minha alma e tenho tanta necessidade de vós!».

A dimensão sacerdotal, ministerial, que viveu com os sacerdotes para se poder oferecer a Deus mais profundamente, nestes últimos dias, transfere-a para a sua priora que a vai ajudar, na solidão da sua cela de enfermaria, a viver os seus últimos instantes como uma oferenda ao louvor de glória do Pai.

Numa segunda carta ela chama-lhe «Meu Sacerdote amado».³⁹ A Madre Germana tinha sido a sua mestra de noviças e agora é a sua priora. Existe entre elas uma relação extremamente profunda e para designar esta relação, Isabel usa o termo «sacerdote». Ela entende, usando este termo, um acompanhamento espiritual profundo que não tem nada a ver com os sacramentos da eucaristia e da confissão, mas que permite discernir o que o Senhor espera dela. O que ela viveu, na sua juventude, com os sacerdotes, revive-o agora com a sua priora nas suas últimas semanas. E é por isso que o apelido «sacerdote» sai naturalmente da sua pluma.

³⁸ *Oeuvres*, L 320, p. 768.

³⁹ *Oeuvres*, L 321, p. 769.

Mas Isabel transpõe uma última etapa, deixa à sua priorisa uma carta póstuma que começa com estas palavras: «Minha Madre querida, meu sacerdote santo»; carta que ela selou solenemente com lacre vermelho e que só seria aberta depois da sua morte. Ela agradece neste texto à priorisa o exercício do seu «sacerdócio» e afirma que ela própria vai exercer um «sacerdócio» pela sua priorisa:

«Madre tão amada, se soubésseis com quanta nitidez vejo o plano de Deus em relação à vossa alma; é como numa imensa luz que ele me aparece e compreendo também que lá do Alto vou, por meu turno, exercer um sacerdócio na vossa alma.

[...]

Se Iho permitis, a vossa pequena hóstia passará o seu Céu no fundo da vossa alma: guardar-vos-á em comunhão com o Amor, crendo no Amor».⁴⁰

Eis o ministério de Isabel na sua vida póstuma: conservar-nos em sociedade com os Três.

Ela tinha escrito no dia 14 de Setembro de 1902 à sua amiga Germana de Gemeaux: «Se quiser dar-me a sua alma, eu consagrará-la-ei à Santíssima Trindade a fim de que vos introduza na profundidade do Mistério e que estes Três que nós as duas amamos tanto, sejam verdadeiramente o Centro onde se desenrola a nossa vida!».⁴¹

Dando-se totalmente ao Senhor, Isabel viveu plenamente este sacerdócio comum dos fiéis tal e como o apresenta o II Concílio Vaticano, e que ela articulou magnificamente com o sacerdócio ministerial.

Na comunhão dos santos, peçamos a Isabel para completar o seu sacerdócio sobre as almas, talvez especialmente sobre as almas dos sacerdotes, para os ajudar a viver o seu sacerdócio ministerial; que ela nos ajude a viver o nosso sacerdócio baptismal que consiste em unir-nos

⁴⁰ *Escritos*, Deixa-te amar, nº 3 e 4, p. 141-142.

⁴¹ *Oeuvres*, L 16, p. 425.

intimamente a Cristo Jesus a fim de O dar às almas e de atrair as almas para Ele.

Escutemos uma última palavra de Isabel:

«Carmelita, alma de adoração
Toda à acção de Deus consagrada,
E em tudo em grade comunhão,
De coração ao alto e deslumbrada
O Único Necessário descobriu
O Ser divino, Luz e Caridade.
O mundo em oração cobriu,
Ei-la como apóstola em verdade».⁴²

Não é esta a nossa vocação ao Carmelo?

⁴² *Escritos*, Poesia 83, p. 350.

ESPIRITUALIDADE DE UMA PRESENÇA

Beata Isabel da Trindade

ALPOIM ALVES PORTUGAL*

Falar de Isabel da Trindade é falar de uma alma contemplativa, com uma espiritualidade de interiorização e com uma experiência religiosa e mística de muita qualidade. É uma mulher apaixonada pelo recolhimento e a oração que, no Carmelo, encontra o clima ideal para os seus projectos; a sua espiritualidade de interiorização leva-a a encontrar na doutrina de Teresa de Jesus e João da Cruz um conteúdo profundamente teológico. A sua experiência mística acontece na vida; parte do sentimento místico da presença da Trindade e termina na «ferida de amor», passando pela graça mística recebida na solenidade da Ascensão, que é quando Isabel toma consciência de que a Santíssima Trindade celebra nela o seu Conselho divino.

Ao nível da sua doutrina vivencial podemos distinguir duas épocas bem definidas: por um lado, um período *divergente*, onde entram em jogo todos os elementos fundamentais do seu novo caminho de espiritualidade vividos e expressados de forma isolada. Por outro lado, um período de renovação *convergente*, iniciado com a descoberta da sua vocação carismática de *Louvor de Glória*, e que culmina com a redacção dos últimos exercícios espirituais. Os dois níveis de vida e doutrina estão intimamente relacionados com a espiritualidade teresiano-sãojoanista. No período anterior à descoberta do seu *Louvor de Glória*, Teresa de

* Compilou e coordenou este trabalho.

Jesus e João da Cruz são os seus mestres; o seu magistério serve para orientá-la nas diferentes etapas progressivas da sua vida de perfeição e garantir teologicamente a sua experiência religiosa e mística. A Teresa conhece-a antes de ter entrado no Carmelo; a João da Cruz descobre-o somente quando já está no convento.

Ignora-se a data exacta da descoberta da sua vocação carismática no mistério da Igreja, embora ela o manifeste no ano de 1904. Desde esse momento muda completamente a perspectiva da sua vida espiritual. Agora Isabel contempla, desde o horizonte do *Louvor de Glória* a sua vida consagrada e recolhe a doutrina fundamental da espiritualidade teresiano-sãojoanista. Mesmo a partir da sua nova experiência pessoal, ela será uma projecção nova da doutrina dos dois santos. A espiritualidade de Isabel caracteriza-se como *espiritualidade de uma Presença e espiritualidade de interiorização*.

1 - Espiritualidade de uma Presença

Podemos chamar a Isabel da Trindade a santa da presença de Deus. Ela aparece num momento histórico oportuno. Frente ao ateísmo e à idolatria do materialismo do mundo moderno está a sua vida e a sua espiritualidade, a testemunhar uma presença divina. Não se trata só de uma presença comum a todos os seres criados, mas principalmente da presença de um ser pessoal que Isabel percebe que existe, que é, no fundo da sua alma, e que espera uma resposta e um diálogo de intimidade confidente. Esta presença dá unidade a toda a sua vida. Os acontecimentos exteriores só ao de leve tocam a sua pessoa, passam a um segundo plano. O importante para ela é construir a sua *vida desde Deus e para Deus, viver em comunhão com Ele*.

O que mais a caracteriza é a *fidelidade* à graça de intimidade que recebeu. Pela sua parte quer ser capacidade receptiva da acção criadora e santificadora de Deus. Dessa fidelidade a uma Presença surge a grandeza da sua vida, medida pela sua densidade espiritual, pelo seu peso de eternidade e pelo seu contacto com o divino. Esta Presença irradia conhecimento e amor que se vai desenvolvendo nela segundo a evolução progressiva da graça santificante até chegar ao vértice da

experiência mística. *A fé na presença de Deus* é o testamento espiritual que ela deixa a todos quantos ama neste mundo; é a ideia que se repete nas *Cartas* que escreve desde o seu leito de morte. Esta espiritualidade de uma Presença é, em Isabel, uma história de amor que tem momentos vivenciais muito concretos e determinados.

1.1. Sentimento místico de uma Presença

Isabel tem esta experiência quando se encontra na fronteira de uma adolescência que termina e de uma juventude que começa; está a viver um momento religioso forte e emocional. Um amor apaixonado por Cristo, uma entrega sacrificada a Deus sem fracturas, uma tensão permanente pela salvação das almas e uma intensa e constante oração contemplativa, dominam toda a sua pessoa.

Está cheia de vibrações espirituais. E neste momento tem a experiência do sentimento místico da presença divina na sua alma. Esta irrupção suave e silenciosa de Deus nela produz-lhe admiração, porque está a viver a experiência mística de uma oração contemplativa de recolhimento infuso e sobrenatural e surpresa, porque se sente possuída, invadida por Deus; dirá ela: «*Estou habitada*».

Santa Teresa de Jesus exerce o seu magistério sobre Isabel iluminando com a sua doutrina este momento espiritual que ela está a viver. Fá-lo desde o *Caminho de Perfeição*, quando descreve os graus de oração e afirma que a presença de Deus é o céu e que é necessário «*encerrar-se neste pequeno céu da nossa alma*» (5M 2). Encontra assim uma das ideias fundamentais da sua espiritualidade do *Louvor de Glória*. Isabel recebe novas iluminações sobre a presença de Deus ao entrar no Carmelo. João da Cruz oferece-lhe no *Cântico Espiritual* doutrina sobre a natureza e os efeitos dessa presença divina na alma. Ela assume o ambiente de presença de Deus que existe no Carmelo e vive-o como meio normal da sua perfeição pessoal, com verdadeira ilusão e entusiasmo: «*É tudo encantador no Carmelo. A Deus encontramos-l'O tanto enquanto lavamos a roupa ou a loiça como durante a oração; vivemo-l'O e respiramo-l'O... Se não enchesse os nossos claustros e as nossas celas, que vazio que estaria tudo!*» (Ct 91).

Quando Isabel descobre a sua vocação carismática recolhe toda a doutrina sobre a presença divina e vive-a desde o horizonte da sua vocação de *Louvor de Glória* e em função dela. O seu pensamento é

claro e preciso pois *para cumprir dignamente o ofício de Laudem Gloriae deve permanecer através de tudo na presença de Deus*. Se existe uma presença de Deus na alma tem que existir uma inabitação da alma em Deus para poder ser *louvor de glória*. Isto exige um alto grau de pureza espiritual na alma, para que Deus possa reflectir nela o seu ser e as suas perfeições divinas. A alma fica, então, constituída em imagem perfeita de Deus; desde esse momento é pura transparência divina e Deus é glorificado ao vê-la transformada na sua própria imagem. Este é o sentido profundo da vocação de *louvor de glória: permanecer simples e amorosamente na sua presença para que possa reflectir em nós a sua imagem*. Isto exige uma fidelidade absoluta aos dons divinos e às inspirações do Espírito. Deus entrega-se-lhe e dá-se infinitamente; é a pessoa que, com as suas imperfeições, põe limites aos dons de Deus.

1.2. Presença Trinitária

A Trindade é o ponto de partida da espiritualidade pessoal de Isabel e o termo da sua vida espiritual quando chegou já à união transformante. Esse arranque da sua espiritualidade trinitária fundamenta-se em duas realidades: inabitação trinitária na alma; e ser imagem de Deus. Sabe que Deus está dentro dela, isto exige dela um processo de espiritualização pessoal. Encontra a base teológica desta verdade em S. João da Cruz: «*O Verbo Filho de Deus, juntamente com o Pai e o Espírito Santo, essencial e presencialmente está escondido no íntimo ser da sua alma*» (CB1,6). Esta inabitação vai impor a Isabel um projecto de vida que se concretiza num voltar-se espiritual sobre si mesma: «*viver no seio da aprazível Trindade, no meu abismo interior*»; é uma convivência espiritual com a Trindade, uma intimidade com Deus. A Trindade não é só o ponto de partida do processo de santificação dela, mas é também a meta, quando a alma alcança o cume da união transformante. A sua doutrina e vivências trinitárias estão na linha da tradição espiritual do Carmelo.

A existência da união transformante de Isabel é indiscutível. Ela própria no-lo revela através dos seus escritos; apresenta-nos a «*alma que se esvaziou de si e se transformou no Outro*», fala-nos do abismo de Deus, «*onde, perdendo a nossa maneira pessoal de ser, ficaremos transformados no amor do Verbo*». A união transformante que viveu vai receber a sua dimensão pessoal, uma orientação nova: «*ser*

totalmente pura e transparente, permitindo assim que a Santíssima Trindade se reflecta em mim como num vidro. Agrada-Lhe tanto reflectir a sua formosura na alma!» Isto levá-la-á a impor-se um estilo de vida semelhante à dos bem-aventurados: «Uma alma sobrenatural nunca trata de causas segundas, mas somente de Deus».

2 - Espiritualidade de interiorização

A interiorização é uma nota característica da vida de Isabel da Trindade, é o seu carisma pessoal, com uma base humana e uma exigência teológica: Isabel é uma mulher dotada psicologicamente para a concentração e a reflexão; há nela uma tendência permanente para viver no íntimo do seu ser, apesar dos compromissos sociais que tem de cumprir. Viver espiritualmente é, para ela, *conviver*; é viver a presença imanente e pessoal de Deus dentro de si mesma, um voltar-se continuamente sobre si mesma para alcançar a sua libertação total e procurar, fundamentalmente na fé, uma saída de si para Deus pelo amor.

2.1. Silêncio interior

O silêncio interior conduz Isabel à unidade do ser espiritual, à solidão e à vida de oração. É a atmosfera de que precisa para o desenvolvimento espiritual da sua vivência trinitária. A percepção de Deus, presente e operante na sua alma, compromete toda a sua pessoa e exige-lhe uma entrega total e incondicional, porque o Absoluto pede para ser procurado e absolutamente amado.

Este silêncio é, em sentido positivo, o estado da alma que está exclusivamente ao serviço de Deus alcançado por um control absoluto do dinamismo psíquico; não é bloqueio das faculdades anímicas do homem, mas sublimação, libertação do espírito que, imerso nas coisas materiais, vive constantemente em atitude teologal. O seu ponto de partida é a purificação da sensibilidade humana; a sua meta definitiva de desprendimento espiritual é o vazio das potências e da própria alma, vazio a encher pela plenitude de Deus. A sua vida de fé e de presença de Deus levou-a a superar os sentimentalismos religiosos; é um passo doloroso, mas necessário.

A ascese do silêncio interior na vida e na espiritualidade de Isabel afecta principalmente a alma, porque se precisa de uma reorganização teologal da inteligência e da vontade. Aqui entra de novo em jogo a doutrina sãojoanista sobre a fé: esta fé nela não é somente adesão a Deus, mas também o clima vital que compromete toda a sua pessoa. Por isso, é a virtude chave da sua vida espiritual que garante, ao mesmo tempo, a sua experiência de Deus. Ela define-se a si mesma quando diz: «*A carmelita é uma alma de fé*». Isabel vive esta fé e desde esta fé todos os acontecimentos pessoais, comunitários e sociais, vindo em tudo a vontade de Deus: «*Qualquer acontecimento da vida é um sacramento que nos revela Deus*». A fé é a luz que ilumina toda a sua realidade sobrenatural por cima da graça que possui, do sentimento místico da Presença que gozou e das luzes que recebeu, dos dons de Ciência e Sabedoria do Espírito Santo: «*A minha fé no Amor*».

Na hora da noite escura, da aparente ausência divina, Isabel refugia-se na fé, e continua a acreditar, apesar de tudo, no Amor: «*Que importância têm as noites que possam obscurecer o nosso céu? Se parece que Jesus está a dormir, descansemos ao seu lado; permaneçamos tranquilas e silenciosas. Não o acordemos; esperemos cheias de fé*». Esta atitude vital expressa-se mais concretamente nela impondo o silêncio interior à sua inteligência e vontade, esvaziando a sua inteligência de qualquer conhecimento conceptual e a sua vontade de qualquer acto volitivo humano que impedisse o contacto permanente com o Deus pessoal presente na sua alma. No cume do seu processo espiritual pode pronunciar, tal como João da Cruz, o «*nescivi*» (já não sei mais). A ela basta-lhe saber que a fé é «*possessão de Deus na obscuridade*». Com esse jogo de realidade que a fé lhe oferece, Isabel alcança o silêncio do seu entendimento que é, ao mesmo tempo, vazio interior e iluminação sobrenatural; é a «noite luminosa» de João da Cruz. Isto leva-a a desentender-se das suas inclinações naturais para agir sempre pelas motivações divinas e os impulsos da graça. É um movimento duplo: esvaziar-se de si mesma e encher-se do amor de Deus.

O fundamento desta reorganização interior da sua vontade encontra-se na doutrina sãojoanista sobre a orientação das quatro paixões volitivas e a sua teoria dos «nadas». Iluminada por estes princípios, Isabel chega ao desprendimento total e a uma indiferença espiritual absoluta que expressa nestes termos: «*Que importa à alma,*

que vive absorta nessas verdades luminosas, sentir ou não, permanecer na luz ou nas trevas, gozar ou não gozar?» É a renúncia às satisfações divinas que a sua alma pode receber para se estabelecer no amor puro, desinteressado, de tanto conteúdo doutrinal sãojoanista.

Esta teologização da vontade não diminui a densidade afectiva do seu coração, nem limita a dimensão do seu amor humano, antes o intensifica e sobrenaturaliza. Nela não há ruptura afectiva com as pessoas; o que muda é a maneira de se aproximar delas. Repete constinualmente no seu epistolário: «*Amo-vos com o mesmo amor de Cristo*».

A noite passiva completa e aperfeiçoa o esforço realizado por Isabel para alcançar o silêncio interior das suas potências anímicas. Esta noite chega a ser tão densa que vem a dizer-nos: «*Está a abrir abismos profundos na minha alma; abismos que só Ele pode encher*». No entanto, tem a experiência do «silêncio místico», que é uma imersão da sua alma no «silêncio divino», como passo prévio para ser *Louvor de Glória*.

Na espiritualidade carmelitana o silêncio interior é condição indispensável para chegar à união transformante. Também com Isabel acontece o mesmo; mas nela tem, para além disso, a dimensão de ser parte constitutiva de um *Louvor de Glória*. A alma, vivendo imersa nesse silêncio, glorifica a Deus, porque Ele vai reproduzindo nela o seu silêncio divino. Recorda-nos frequentemente nos seus escritos o silêncio eterno de Deus, para justificar a necessidade desse silêncio num *Louvor de Glória*. Ao fazer uma exegese trinitária da expressão do salmista «o silêncio é o teu louvor», afirma: «*Sim, é o mais belo louvor, porque é o que se canta eternamente no seio da aprazível Trindade*».

Deus é comunidade. O silêncio divino é a comunicação interpessoal silenciosa do seu Ser. Se a natureza glorificada dos bem-aventurados se perde na sua contemplação silenciosa de Deus, Isabel, que quer viver como eles para ser *Louvor de Glória*, deseja também perder-se na contemplação silenciosa da Trindade, oferecendo-lhe assim a homenagem de todo o seu ser. O silêncio interior também a conduz à adoração, porque um *Louvor de Glória* tem que ser uma alma adorante.

O processo purificador da espiritualidade carmelitana precede sempre a plenitude divina. Em Isabel é também a passagem do «abismo

do nada» para o «abismo de Deus», expressão que lhe é muito familiar. Este processo serve para não limitar desde a pessoa a doação infinita de Deus. Isabel nasce daí para «ser *louvor de glória* de todos os dons divinos». Esta é a nova dimensão que ela deu à ascese teresiano-sãojoanista sobre o silêncio interior.

2. 2. *A unidade do ser espiritual*

A unidade do silêncio interior é credora da unidade do ser espiritual. Este princípio fundamental da doutrina de Teresa de Jesus e de João da Cruz, é a luz que ilumina a primeira época de Isabel no Carmelo de Dijon, antes de ter descoberto a sua vocação carismática. Durante esse período, a sua vida espiritual está dominada por duas ideias centrais: o mistério de uma Presença na sua alma e a doutrina ascética da espiritualidade carmelitana para a união transformante.

O primeiro gera a simplicidade da sua alma e a unidade do seu ser espiritual. Sem essa unidade surge a desordem e a dispersão e, portanto, fica bloqueada a eficácia espiritual. Além disso, conseguiu também a unidade do seu ser espiritual através da força purificadora da ascese teresiano-sãojoanista; com ela controlou a vida superior do espírito e as intervenções desorganizadas do seu «eu» pessoal.

Por outro lado, a unidade do ser espiritual tem na sua vida um enquadramento de *Louvor de Glória*; para o ser deve reflectir em si mesma a unidade do ser de Deus: «*A unidade é o trono da Santíssima Trindade*». Sem reflectir essa unidade divina, o seu *Louvor de Glória* é uma sinfonia incompleta. Influenciada, talvez, pela doutrina de João da Cruz descobre que a beleza e formosura constituem a essência de Deus, que essa beleza surge da unidade harmónica do seu Ser divino. Por isso, Isabel alimenta uma enorme ilusão, apaixonada mesmo, de poder reproduzir na sua alma, pela unidade do ser espiritual, a beleza infinita de Deus: «*Quando a alma alcançou esta ruptura e se encontra completamente livre, o Rei fica enamorado da sua beleza, porque a beleza é unidade. Pelo menos a beleza de Deus é assim*».

A unidade do ser espiritual estabeleceu a beata Isabel na *imutabilidade*; a sua alma encontra-se por cima de tudo quanto possa alterar o seu espírito; conseguiu assim o desejo expresso na sua *Elevação à Santíssima Trindade*: «*Que nada possa perturbar a minha*

paz nem fazer-me sair de Vós, oh meu Imutável». Partindo daqui, ela transforma essa imutabilidade da sua pessoa em *Louvor de Glória*, enquanto reflexo da imutabilidade divina.

Isabel escreveu uma das páginas mais sublimes da espiritualidade cristã. Nela se conjugam a elegância da palavra, o fascínio das ideias e a força testemunhal de uma realidade vivida.

2. 3. A solidão do espírito

O silêncio interior e a unidade do ser espiritual criam a solidão do espírito. Isabel está apaixonadamente enamorada da solidão, tanto na sua dimensão externa ou espacial, como na dimensão interior. As duas formas de solidão constituem o clima ambiental da sua espiritualidade centrada na presença de Deus na sua alma. A externa ou espacial é sempre necessária para o desenvolvimento da solidão interior. Ela encontra no Carmelo Teresiano maravilhosamente conjugadas a vida de solidão e silêncio com a convivência interpessoal. Escrevendo a uma amiga diz-lhe: «*Escrevo-te desde a minha cela; parece o paraíso... Se visses como é belo viver nela debaixo do olhar do Senhor, num diálogo doce e cordial com Ele*».

Mas o verdadeiramente marcante em Isabel não é o seu entusiasmo pela solidão externa do Carmelo, mas a sua preocupação pessoal por descer «*ao abismo interior da solidão do seu espírito*». Trata-se de um processo espiritual vivido segundo a ascese tradicional carmelitana, que dá à solidão da alma profundidade e altura: profundidade porque é vazio absoluto das criaturas, altura porque é transcendência do seu ser e agir. Isabel vive esta solidão à luz de um *louvor de glória* enquanto tem que reflectir a solidão infinita de Deus; para ela, a solidão de Deus é a sua transcendência divina.

A solidão interior não é individualismo, mas circunstância espiritual da alma para uma companhia divina; é solidão exclusiva entre dois – a alma e Deus –, um face a face no amor comunicativo: «*Reina no meu interior uma solidão onde Ele mora e ninguém ma pode arrebatara... Se visses como é belo viver a sós com Aquele a quem se ama... Sim, é um céu antecipado*». Esta atitude admirativa de Isabel diante da solidão infinita de Deus, manifestada na sua *Elevação à Trindade*, tornou-se realidade concreta na sua alma transformada em *Louvor de Glória*.

2. 4. Vida de oração

A oração é o elemento integrador da espiritualidade de Isabel; não a podemos compreender sem a oração. A sua vida de oração como colóquio e comunhão com Deus é fundamentalmente teresiana. Anteriormente tinha uma concepção diferente da oração uma vez que, numa missão em Dijon, dois Redentoristas lhe deram uma orientação moralizante. Ela tinha 18 anos, mas já tinha experimentado a oração de quietude. Mas no seu contacto com os escritos teresianos descobre duas dimensões novas: entrar a alma dentro de si mesma e ser uma história de amizade. A sua oração é também uma história de amizade porque é uma vida de intimidade afectiva com os Três. Isabel possui, por natureza, uma fascinante afectividade feminina que sobrenaturaliza, que a concentra em Deus. As suas *Elevações Espirituais* têm a mesma grandeza e sublimidade que as clássicas exclamações da sua Fundadora. Se para Teresa de Jesus a oração é «trato de amizade», para Isabel é um diálogo cordial com os Três, é estar com toda a simplicidade com quem se ama, viver na intimidade da presença de Deus.

Existem tempos fortes de oração em Isabel, mas a sua oração não se reduz a determinados momentos excluintes do seu dia a dia; nela, é uma atitude existencial porque fez da sua vida uma oração permanente. A oração existencial é uma constante da vida carmelitana; ela reflecte este clima nos seus escritos: «*Aqui, orar é respirar... O espírito de oração constitui a essência do Carmelo*».

A oração existencial é uma constante na sua vida; primeiro, como um desejo apaixonado que ela expressa com estas veementes palavras: «*Que a minha vida seja uma oração constante; que nada, nada me possa distrair de Ti, nem as minhas ocupações, nem as minhas alegrias, nem os meus sofrimentos, Que viva abismada em Ti... Que actue sempre sob o teu olhar*». Ela própria é uma oração ininterrupta, motivada pelo sentimento e pela convicção da inabituação trinitária da sua alma e, pela sua entrega total e exclusiva ao Amor excessivo de Deus. Deus e Isabel são dois amores «excessivos» que se encontraram na vida para não se separarem mais. Na oração teresiana Deus manifesta-se como plenitude do ser, como realidade absoluta.

À maneira de Teresa de Jesus e João da Cruz, Isabel fundamenta a sua oração contemplativa na Sagrada Escritura, mas o seu mestre predilecto é S. Paulo. Procura na Palavra revelada a garantia da sua vida espiritual e o sentido dos acontecimentos pessoais da sua existência. Mas o interessante nela é que dá ao clima de oração carmelitana uma projecção de *Louvor de Glória*, concretizada na *adoração e na acção de graças*. As duas dimensões brotam do conceito escatológico que ela tem: vive a vida com um sentido de eternidade; o tempo é para ela a eternidade começada, sempre em progresso. Por esta razão, no céu da sua alma, a sua oração é de louvor, adoração e acção de graças, como a vida dos bem-aventurados no céu da glória: «*Vivo em constante acção de graças, unindo-me assim ao louvor eterno que se canta no céu dos santos. Já estou a fazer neste mundo os meus primeiros ensaios*».

Isabel apresenta às almas orantes os horizontes da oração de um *Louvor de Glória* colocada diante da imanência e transcendência divinas; diante da transcendência, a sua oração é acção de graças; diante da imanência, a sua oração é uma história de amor filial.

Além disso, a sua oração possui outra influência teresiana ainda: o amor sponsal. Esta é a herança sagrada que Teresa legou aos seus filhos e filhas. Isabel vibrava de emoção ao sentir-se esposa de Cristo. Era a sua grandeza espiritual, a sua honra e a grande ilusão da sua vida. Esta espiritualidade viveu-a na hora do amor exultante, na hora do sofrimento, quando desejava subir o seu calvário com a majestade de uma rainha, impulsionada sempre pela fidelidade absoluta e inquebrantável que o amor sponsal do matrimónio espiritual exige.

*«Encontrei
o meu Céu na terra,
porque o Céu é Deus
e Deus
está na minha alma.
No dia em que
compreendi isto,
tudo em mim
se iluminou.»*

(Ct 122)

RE

revista de

ESPIRITUALIDADE

Ano XV – Nº 59 – Julho / Setembro 2007

PORTUGAL, Alpoim Alves

Viver do interior

VECHINA, Jeremias Carlos

«Ó meu Deus, Trindade que eu adoro»

GOLAY, Didier-Marie

Isabel da Trindade

e a missão sacerdotal

PORTUGAL, Alpoim Alves

Espiritualidade de uma presença